

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**INSERÇÃO E PERMANÊNCIA DO NEGRO NAS ESCOLAS BÁSICAS DO DF**

**WANESSA FERREIRA DE SENA**

Brasília – DF  
2016

Wanessa Ferreira de Sena

**INSERÇÃO E PERMANÊNCIA DO NEGRO NAS ESCOLAS BASICAS DO DF**

Trabalho de final de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientador: José Luiz Villar

Brasília – DF

2016

SENA, Wanessa Ferreira

Ensaio: Inserção e Permanência do Negro nas Escolas Básicas do DF. Wanessa Ferreira de Sena. Brasília: UnB. 2016.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2016. Wanessa Ferreira de Sena

## **INSERÇÃO E PERMANÊNCIA DO NEGRO NAS ESCOLAS BASICAS DO DF**

Trabalho de final de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Defendida e aprovada em 16 de dezembro de 2016.

---

Prof. Dr. José Luiz Villar  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Prof. Paula Gomes de Oliveira  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Prof. Liliane Campos Machado  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é fruto de uma indignação particular, através dele pude esclarecer questões que generalizamos e deixamos a margem de discussões, sendo elas ferozmente necessárias para a sociedade.

Agradeço primeiramente a Deus, pois ele que ilumina todas as minhas decisões, e foi através da fé que eu tive forças e foco para não desistir.

A minha mãe que sempre está junto e participa ativamente de todas as minhas lutas, do meu cotidiano e é a fortaleza da minha vida.

Aos diversos amigos que tiveram paciência e parceria durante todo o meu processo de formação.

Aos profissionais maravilhosos e até aqueles que não foram tão bons, mas que me fizeram uma profissional completa, realizada e competente

Aos meus ancestrais que lutaram tanto para a disseminação e o empoderamento cultural.

Gratidão aos 5 anos de Universidade de Brasília!

## RESUMO

O contexto em que a escola foi criada, nos moldes das instituições totais e transformada em instituição de ensino, colocou sobre ela a responsabilidade e a necessidade de trazer para a sala de aula uma variedade de cultura e uma proposta multicultural, a implementação da lei 10.639 e o reconhecimento do trabalho efetivo da identidade cultural. A cultura e a história negra são trabalhadas somente na semana da consciência negra, como se os negros não fossem participantes reais da construção da nossa sociedade. Este trabalho tem como objetivo abordar, sob a percepção do negro, a influência da estruturação das instituições escolares. No que se expressa e se manifesta também no trabalho das escolas quanto ao conteúdo referente à cultura afro-brasileira, e a África no cotidiano. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, etnográfica e entrevistas semi estruturadas para criar-se um relatório de observação, em três instituições públicas de ensino fundamental do DF, com o objetivo específico de se traçar uma linha de raciocínio para compreender a falta de identificação histórica das crianças.

**Palavras – chave:** Instituição escolar. Lei 10.639. Negros, Multiculturalismo, Construção da identidade

## **ABSTRACT**

The context in which the school was created, along the lines of the institutions and transformed into educational institution, placed on the institution the responsibility and the need to bring to the classroom a variety of culture and a multicultural proposal , the implementation of law 10,639 and the recognition of effective cultural identity work . The culture and black history are worked only in “Black Awareness Day”, as if blacks were not real participants of the construction of our society. This study deals with the influence of the structure of school Institutions through the perception of black people. Also the study aims to observe the work in schools on the content of the afro-brazilian culture and daily life in Africa.

Keywords: School institution.Law 10.639.Blacks.Multiculturalism.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	9
PARTE 1.- MEMORIAL .....	100
PARTE 2.- MONOGRAFIA.....	188
INTRODUÇÃO .....	188
Capítulo 1 .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b> 3
1.1 A Segregação Racial na Definição da Estrutura e da Finalidade na Instituição Escolar .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b> 3
Capítulo 2.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b> 8
2.2 Condições Jurídicas e Materiais para a Inserção do Negro na Escola .....	28
Capítulo 3.....	34
3.1 O Estudante negro e a Instituição Escolar .....	34
Capítulo 4 .....	40
4.1 Pensando a Superação do Racismo a partir das Teorias Multiculturais .....	40
4.2O Multiculturalismo como Instrumento das Ações Afirmativas.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
PERSPECTIVAS FUTURAS.....	48
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXOS .....	5155

## APRESENTAÇÃO

Este relato refere-se ao trabalho final de conclusão de curso, licenciamento em pedagogia.

Este trabalho foi dividido em três partes, sendo elas, memorial onde relato a minha trajetória pessoal e acadêmica sempre buscando direcioná-las para o olhar que despertou o tema a ser desenvolvido na segunda etapa.

A segunda parte é a monografia esta abrange quatro capítulos. O primeiro trás o contexto em que as instituições escolares foram criadas, para quais sujeitos e a reflexão teórica de alguns autores como Foucault e Goffman sobre a verdadeira função das instituições. Em um segundo momento trata das situações jurídicas e matérias para inserção e permanência dos negros dentro dessas instituições, considerando sempre o espaço escolar o principal meio multicultural para se desenvolver a educação. Já o terceiro capítulo é voltado para o objeto do estudo, o negro, onde é explicada através de pesquisas qualitativas e observação participativa a posição referente ao ensino da ancestralidade, onde é desenvolvido uma análise documental e um diário de relatos. Além disso, surge a ideia do multiculturalismo como ferramenta para se trabalhar a diversidade, onde é feita uma relação entre a fundamentação teórica e a pesquisa realizada. E por fim o capítulo quatro que abarca as considerações finais.

Na terceira parte do Trabalho de Conclusão de Curso busco abordar as perspectivas futuras em relação ao negro e a educação, me colocando como parte dessas mudanças e como educadora.

## PARTE 1.- MEMORIAL

Ao me dispor a escrever este trabalho final, tive de imergir em detalhes que, no passado, passaram despercebidos. Foi necessário, portanto, um olhar mais maduro e uma bagagem cultural e bibliográfica maior. Durante minhas análises a diversos trabalhos de conclusão de curso, pude perceber que relatar os momentos do passado seria mais complexo do que eu imaginava.

Não é o simples fato de contar a minha trajetória escolar, mas relacioná-la com a minha interação social, com o desenvolvimento da minha personalidade e fatores externos de uma sociedade que está em constante mudança. Foi necessário partir de situações e fatos que marcaram socialmente a minha trajetória escolar, e de experiências que influenciaram meu modo de agir e pensar durante anos.

Hoje, consigo enxergar a dificuldade que eu tive para perceber atitudes racistas no meu cotidiano. Aprendi, a pouco, a me identificar como sujeito negro. Confesso que durante muitos anos falava do negro na terceira pessoa, pois cresci em uma cultura eurocêntrica. Perceber-me como mulher, negra e pertencente à classe social, da qual eu faço parte, foi de extrema importante para a minha maturidade social e política.

Sou negra, moro sozinha em Taguatinga e tenho de lidar com todas as dificuldades de um jovem aprendiz da vida “adulta” sem “deixar a peteca cair”, universitária e contratada de uma instituição de ensino particular. Minha família é de Brasília, minha mãe é uma mulher negra, batalhadora, que teve toda a força de vontade de lutar para me educar após a morte do meu pai. A família deu o apoio necessário para que ela pudesse correr atrás de um futuro, com mais qualidade de vida. Morávamos todos em uma casa na Samambaia – DF, tios, tias avós e minha mãe.

Minha mãe sempre zelou pela minha educação. Ela trabalha há 23 anos no mesmo emprego, em uma instituição de ensino particular. Foi nessa instituição que estudei por 12 anos, uma escola que sou muito grata. Hoje sou o que sou devido à formação que tive nessa instituição. Era um ambiente escolar de cunho religioso, preocupava-se muito em formar cidadãos de valores. Era algo muito além de encaminhamento profissional.

Essa escola foi onde eu tive um maior contato social, fora da família. Quando eu faço uma viagem no tempo, me vem muito à mente as comemorações e datas

festivas, eles trabalhavam muito esse lado. Talvez fosse o *marketing* da escola, mas, enfim, eram nessas datas que eu me sentia mais completa, pois havia liberdade para criar e me igualar a todos os outros.

Eu sempre tive um tratamento diferenciado. No início era por ser aluna bolsista, e eu sempre carreguei esse rótulo comigo, eu tinha de ser a melhor sempre, eu tinha de ser destaque. Além disso, realidade social era muito diferente. Hoje conseguimos ver, por mais que sejam em minoria, alguns negros nas instituições particulares. Na minha época, e em períodos anteriores, era raridade, por isso sempre exaltavam a minha “beleza”. Talvez, não por eu ser exatamente bonita, mas por verem em mim algo diferente e, provavelmente, para terem a certeza de que estavam me proporcionando um conforto.

Os anos que passei na escola foram anos de apresentações. Eu, filha de funcionária e negra, participava de quase todos os eventos. Já representei Nossa Senhora Aparecida, índia, escrava, mas nunca uma princesa. E hoje eu entendo, o porquê. Foi nessa época também que eu fiz inúmeras amizades e tenho comigo todos os professores daquela época. São poucas as memórias negativas desse período. Foram os anos mais criativos, produtivos e afetivos da minha vida, pois eu aprendi muito, desde a descoberta das formas, cores, números e palavras às fórmulas mais complexas de química e física.

Em meio a tantas lembranças me recordo de dois momentos que vivi nessa instituição que mexeram comigo, mas que minha mãe soube contornar de tal maneira a não me afetar psicologicamente. Um dia normal de aula, fui para a escola e eu e uma colega entramos em atrito, divergimos sobre um assunto e ela resolveu levar para o lado pessoal, enfim entramos em uma discussão e ela gritava aos quatro cantos que eu não tinha direito de está ali, que meu lugar era no banheiro lavando privada, afinal eu era filha de “empregadinha”. Logo após essa situação uma colega negra e dos cabelos encaracolados começou a se relacionar com um aluno novato da escola, esse branco, de cabelos e olhos claros, um grupo de colegas expões ambos no pátio da escola, dizendo que o garoto deveria lavar a boca com sabão e nunca mais beijar uma “neguinha do cabelo duro.”

Essas histórias me enchiam de dúvidas me faziam questionar para a minha mãe o porque de eu não ser como minhas colegas, o porque de irmos de ônibus para a escola, o porque eu não poder comer na cantina todos os dias, porém minha mãe sempre soube conduzir as respostas de maneira afetiva e coerciva para que eu

pudesse aceitar a minha realidade, porém sempre me querendo fazer parte da cultura do embranquecimento.

Logo ao fim da 8ª série, voltou a incerteza sobre a continuidade dos estudos, afinal a escola só oferecia até o fundamental II. Minha mãe começou a ir atrás de bolsas e descontos em escolas. Eu fiz cerca de três provas em escolas diferentes, mas nenhuma dava o desconto suficiente que coubesse no orçamento da minha mãe. Foram meses fazendo provas, até que consegui uma bolsa integral em uma escola que seguia o mesmo padrão religioso da escola anterior.

O medo me cercava nesse período, a possibilidade de freqüentar uma escola de ensino regular da rede pública me fazia ter pesadelos, durante todo momento era me dito, claro que de maneira errônea e preconceituosa como era o processo desses instituições, cresci acreditando que a escola pública era apenas para pessoas de baixa renda, prováveis meliantes e que poucos tinham perspectiva de futuro, ouvi por diversas vezes sobre o descaso dos professores com as turmas que achavam que não tinham potencial e interesse para levar o ensino a diante, ouvia sobre a falta de estrutura e material que circulava entre os docentes, e isso me fez repudiar tal possibilidade.

Ao relatar hoje, essas lembranças no nível de maturidade e conhecimento sobre a educação que estou me faz perceber como uma criança é manipulada, e como por diversas vezes repetimos informações alienadamente sem ao menos vivermos a situação. Nosso ensino público não é exemplo, porém por diversas experiências sei que quando existe uma equipe envolvida e empenhada em desenvolver um trabalho, transforma a falta de recursos em forças para uma educação melhor e mais completa.

O ensino médio foi um pouco diferente. Como toda adolescente, eu queria abraçar o mundo. Tinha várias “certezas”, que se perderam com o tempo, mas naquele momento eram inquestionáveis. Foram 3 anos de muita cobrança, eu tinha de decidir o que fazer para o resto da minha vida. Era isso que as pessoas mais me cobravam.

O 1º ano do ensino médio foi um ano de adaptação, muitas novidades e uma responsabilidade que pesava muito. A escola preparava para a escolha profissional, e o vestibular era o foco. Já o segundo ano foi um ano de rebeldia, o conteúdo e a escola eram responsáveis por reforçar os pensamentos que nos eram transmitidos e reproduzi-los. Foi uma época de experiências boas e ruins. Também foi o ano que

eu me permiti fazer parte do “fundão”, e isso teve consequências ao fim do ano, recuperação e o risco de jogar pela janela todo esforço da minha mãe. Foquei e acho que aprendi o conteúdo de um ano em três semanas. Eu não tinha uma perspectiva de futuro e muito menos dimensão do que significava fazer parte de uma Universidade.

O 3º ano foi um ano nostálgico, mas ao mesmo tempo eufórico. Era o momento de decidir a vida inteira. Os professores marcaram muito essa fase, eram profissionais maravilhosos capazes de transformar fórmulas em músicas, conteúdos extremamente densos em algo capaz de atrair adolescentes que se distraíam com o mais suave dos sons.

Durante esses três anos eu fiz o PAS, todas as etapas, porém não era uma ideia amadurecida, e eu não tinha dimensão do que ele representava. A escolha do curso foi sob orientação da minha mãe, que pensava muito no mercado de trabalho e na estabilidade financeira.

O ensino médio foi um período a qual ocorreu um grande auto conhecimento, onde eu permiti ter experiências e conhecer algo que estava além dos meus olhos, foi um momento bastante especial, além da escola me engajei em alguns projetos sociais onde me fez perceber um mundo além do meu, me fez enxergar o próximo mesmo que ainda temerosa com a realidade. Foi em um desses projetos que eu conheci uma escola direcionada apenas para menores infratores, escutei sobre vários assuntos que me deixavam cada vez mais curiosa para entender como aquelas pessoas tão iguais a mim, mas ao mesmo tempo tão diferentes passaram para está naquela situação.

Foi aí que eu compreendi que se não fosse pela minha família a minha realidade poderia ser como de qualquer adolescente daqueles, foi onde eu me permitir conhecer pessoas diferentes do mundinho que eu inventei, ou que eu achei que existia e eu fazia parte. Agradeço todos os dias por várias histórias que eu ouvi nessa instituição porque criaram uma resistência e um pudor em relação as coisas erradas da vida.

O ensino médio chegou ao fim. Despedi-me da vida de colegial e caí em um desespero ainda maior. Não sabia o que seria dali para frente. Eu não tinha emprego, e a minha mãe já não tinha o cuidado de antes. Era hora de eu caminhar só, ir em busca de um futuro, começar a tomar as rédeas da minha vida.

Essas duas instituições foram responsáveis por boa parte da pessoa que eu me tornei hoje. Proporcionaram momentos marcantes de aprendizagens. São poucas as lembranças ruins que causaram reflexos negativos. Hoje, na universidade, escrevendo meu trabalho de conclusão de curso, com uma visão mais realista, um pouco menos romântica da educação, consigo ver situações de preconceito, de falta de profissionalismo e ética, que compuseram o quadro da minha vida escolar, mas, graças a Deus, não me afetaram diretamente.

Foi nesse instante que eu decidi que precisava de um emprego e que eu precisava fazer uma faculdade. O resultado do PAS e do Vestibular não tinham saído ainda, e eu não tinha convicção de que eu não tinha me preparado para estar dentro de uma Universidade Pública. Então eu consegui um emprego temporário e ganhei meu primeiro salário. Não tive coragem de gastar o dinheiro, dizia que era a poupança da Faculdade e achava um absurdo o governo descontar tanto dinheiro de uma pessoa que queria estudar.

Logo aconteceu o que eu menos esperava, numa tarde de correria no trabalho, minha melhor amiga, umas das que eu estudei na primeira escola, me ligou me parabenizando. Eu estava aprovada, eu estava na UnB. Simplesmente me irritei com ela, falei que não era hora desse tipo de brincadeira e foi quando ela, insistentemente, me fez acreditar que era verdade. Eu realmente fui aprovada.

Adolescente, inocente, entrei na Universidade cheia de planos, acreditando que a educação era apenas brincar de professor. Maturidade era apenas uma palavra bonita no dicionário, apesar do meu senso de responsabilidade ser muito grande, eu não fazia idéia do que me esperava pela frente, foram incansáveis desafios, todos vividos intensamente, por diversas vezes pensei em desisti mas algo me dizia que eu pertencia aquele lugar e aquele momento.

A UnB em seu currículo nos possibilita entrar em contato com muitas disciplinas e saberes que complementam a formação, o curso de pedagogia é um curso que nos permite estudar varias possibilidades de ensino, são áreas que vão além da sala de aula, que nos fazem enxergar quão dinâmica pode ser a educação.

Dentro da Faculdade de Educação eu conheci o movimento negro e quis não só empoderar-me dá minha história afro-brasileira, mas, também, tentar entender por que as nossas crianças não têm tido acesso as saberes de suas raízes. Foi um semestre turbulento, de desconstrução e mais ainda de revelações e quebras de conceitos.

Meu primeiro contato escolar como profissional me trouxe muitos aprendizados e frustrações. Logo me deparei com a semana da consciência negra, uma semana de extrema comoção onde se traz uma cultura de espetáculo, baseada particularmente no fenótipo dos negros. A escola, super mobilizada, colocou um cartaz comemorando e fazendo referência a Zumbi de Palmares. Junto ao texto tinha uma imagem de uma criança negra confeccionada de EVA por algum funcionário, para representar os cabelos foram colocados pedaços de palha de aço.

No primeiro momento, fiquei preocupada, mas não sabia como reagir, até que uma determinada aluna negra chegou até mim e disse que seus colegas a estavam chamando o cabelo dela de Bombril. Ao escutar isso não me contive comuniquei a parte pedagógica que, surpreendentemente, não tomou nenhuma atitude. Eu, contrapondo tal situação, conversei com alguns pais que se posicionaram e questionaram o corpo docente da escola.

Minutos depois o mural foi retirado, e a diretora confortou os pais dizendo que foi uma atitude intencional. São situações como essa que nossas crianças e eu sofremos por ser negro numa sociedade padronizada. Foram fatos como esses, que me fizeram questionar o papel da escola como instituição educacional na vida de crianças negras. Muitas dessas crianças foram e são agredidas todos os dias sem, ao menos, se localizar numa sociedade racista.

Participando de uma aula, debatendo sobre como o movimento e as questões raciais estão presentes na sociedade, fui atacada verbalmente por uma colega, por discordar da opinião dela quanto às esferas sociais que negros ocupam na sociedade e, como tais, não podem falar de algo que não viveram. Afinal, a vida de um negro da classe média alta é completamente diferente da vida de um negro favelado. Ela baseou seus argumentos, nos meus cabelos, dizendo que eu não aderiria o movimento negro e não poderia falar de algo. Segundo ela, eu nego a minha condição, pois uso meus cabelos escovados.

Fundamentamos muitos dos nossos argumentos em questões estéticas. Acredito sim que muito da cultura africana e afro-brasileira foi perdido, e estereótipos foram criados com a intenção de embranquecer os negros, mas atitudes assim me faz questionar o quanto estamos alienados, pois a base dos nossos discursos está pautado na aparência física das pessoas.

Meu namorado faz parte de um sistema de som denominado *soundsister*, um ritmo musical voltado pro Black Music, Reggae, Dance, ritmos caracterizados como

som de preto. Músicas predominantemente ouvidas nos países da África, que hoje com a globalização está disseminada pelo mundo, mas, enfim, os relatos dele em relação ao seu direito de ir e vir me incomoda de tal maneira que, a mim, é como se acontecesse comigo. Ao fechar contratos de eventos que ele seleciona, a maior preocupação dele é o horário de volta e a documentação, porque ele sabe que essa é uma maneira de “defesa” perante a sociedade, que julga preto como ladrão. Afinal ele sabe que a polícia vai pedir para revistá-lo e ver se ele não é um foragido ou meliante.

Eu acredito que a sociedade só vai vencer o preconceito racial e qualquer outro, quando pararmos de querer segregar as pessoas. Fazemos parte de uma única raça, somos humanos. Partindo desse conceito nossas lutas devem se unificar e, assim, conquistaremos o sonho de uma sociedade igualitária e diversificada.

Existe um conto chamado a “Bonequinha Preta”, a história de uma bonequinha muito arteira que caía pela janela. Na escola onde eu trabalho, trabalhamos todo final de mês com um conto, e esse conto foi escolhido por uma professora para ser dramatizado. Ao receber o papel com a descrição e falas, percebi que a palavra ‘preta’ estava riscada e acima dela estava a palavra ‘morena’. Fui questionar o porquê de tal substituição, e desta vez o argumento dado foi o de não querer gerar assuntos polêmicos entre os alunos.

Hoje quando eu vejo crianças e jovens nas ruas das grandes metrópoles sem a devida orientação escolar, me questiono sobre os nossos direitos jurídicos, mas a minha inquietação vai além disso, o que colheremos amanhã, se grande parte da nossa população e ela sendo negra está nas ruas, sem perspectiva alguma de futuro, de educação, de saúde e de direitos.

Sonhamos em ter qualidade de vida todos os dias, mas esquecemos do olhar para o outro, esse egocentrismo não nos permite ver o outro com um olhar solidário, não nos permite ajudar aquelas crianças que estão perdendo aula para ajudar os seus pais no lixão da Estrutural, colocando não somente seu futuro em risco, mas sua saúde. Fechamos os vidros dos nossos carros ao passar um jovem vendendo balinha no sinaleiro, mas nunca nos permitimos entender o que o levou a está naquela situação. E se analisarmos bem todas essas situações não é menino branco que está nessa luta diária, é o preto, é aquele que a sociedade insiste em julgar sem se quer se informar o porquê dessa situação, o porquê de nossas crianças não estarem tendo a educação que lhes é de direito.

Agora eu não consigo entender, qual a dificuldade das escolas em tratar de assuntos reais e presentes, se objetivo das instituições é ensinar? Na verdade, cada vez mais eu me decepção com o modelo de educação do nosso país. Cada vez mais existe uma elitização, e nós mesmos fechamos os olhos e culpamos terceiros, quando na verdade estamos perdidos em diversos contextos.

É necessário que a educação comece a ser problematizada com um olhar direcionado para o respeito. São muitas experiências de preconceito velado, mas é visível que as pessoas são extremamente individualistas. Atualmente posso descrever diversas situações, as quais eu presenciei, e sinto que compactuo por depender de um salário para viver. São atitudes de colegas de trabalho, de festas e eventos da sociedade que me faz questionar o futuro das nossas crianças.

Passei os 5 anos mais construtivos da minha vida dentro da Faculdade de Educação. Fui caloura da pedagogia. Aprendi que ser pedagogo vai além de ser professor. Somos educadores e podemos atuar em diversos ambientes. Aprendi a valorizar e conhecer a história de povos e culturas. Por fim, aprendi que o superficial e a ignorância transformam cidadãos em seres humanos preconceituosos, inflexíveis e intolerantes.

## PARTE 2.- MONOGRAFIA

### INTRODUÇÃO

A pauta do espaço do negro na sociedade é discutida em diversos campos, sejam eles históricos, sociais, culturais, econômicos e educacionais. O negro faz parte da História e seu recorte é sempre de maneira superficial e mistificada, principalmente dentro das instituições escolares. O negro cresce escutando um discurso que todos vivem em um mundo igualitário, fraterno e livre.

No entanto, parece que os negros ganharam poder e o reconhecimento da importância da consciência da sua identidade e resolveram discutir e debater os direitos e conceitos que envolviam sua “raça”. Buscaram na lei e na sociedade o direito de serem ouvidos e reivindicar espaço na História.

Foram feitos vários experimento em escolas para afirmar a existência do preconceito, uma dessas experiências consistia em uma criança escolher entre duas bonecas, uma branca e outra negra. E, como não é surpresa, o condicionamento das crianças eram sempre escolher a boneca branca. Segundo elas, era a boneca mais bonita, a boneca do bem, que tinha o cabelo mais bonito e os olhos mais claros. Essas afirmativas que devem ser trabalhadas com as crianças. As crianças que escolheram a boneca negra diziam ser essa a mais bonita por representar a sua cor. Essas crianças são 1% da pesquisa, e já obtinham um pensamento trabalhado por seus pais, essa representatividade foi trabalhada junto a família.

São inúmeros casos que apontam a discrepância do tratamento de crianças negras nas escolas, comparado às crianças brancas. Muitos professores, apesar do discurso de democracia racial, usam termos e expressões inadequadas, porém, essa não é a maior questão. As crianças sentem em questão de afetividade, olhares e formas de tratamento e pensar nesse ambiente que era para ser acolhedor. Então seria comum ver os educadores transmitirem para seus alunos posturas e ações sobre o preconceito que circulam na sociedade, especificamente através da linguagem verbal, simbólica e informal (olhares, gestos, atenção, silêncio, toques expressões corporais e faciais). Dessa maneira fica fácil uma criança perceber se ela é querida ou não dentro desse grupo social o qual ela está inserida.

Nos Estados Unidos, os direitos civis de muitos negros foram negados em sua totalidade por quase cem anos após o fim da escravidão, quase todos os negros norte-americanos eram escravos e escravos não tinham nenhum direito civil. Alguns

negros resistiram a esse tratamento desde o início, porém foi apenas no século XX que surgiu um movimento organizado. O Movimento pelos Direitos Civis conseguiu sua primeira vitória em 1954, no caso *Brown versus Conselho de Educação de Topeka*, no estado do Kansas onde conseguiram a vitória a partir de argumentações sobre as escolas separadas para brancos e negros e como eram desiguais e, portanto, violavam a Constituição.

Esse movimento teve uma grande repercussão quando uma cidadã negra foi presa depois de recusa-se a dar seu assento em um ônibus a uma pessoa branca, os negros protestaram contra a prisão dela boicotando o sistema de ônibus. Em 1956, a Suprema Corte decidiu que a segregação no transporte público era inconstitucional. Um dos líderes do boicote foi um jovem chamado Martin Luther King, Jr. No final da década de 1950, King organizou a Conferência da Liderança Sul-Cristã, um grupo dedicado a atividades pacíficas pelos direitos civis.

Dando continuidade a esse movimento tiveram ações como o SIT IN, uma forma que os negros tinham de protestar de maneira não violenta a qual criava uma simpatia por suas causas. Os participantes sentavam-se no chão do lugar em que sabiam que não seriam servidos, como uma lanchonete segregacionista, por exemplo, e se recusavam a sair. Como todo movimento, o movimento negro teve como um dos principais ativistas Martin Luther King que proferiu um discurso que dizia: “Eu tenho um sonho: o de que, um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos senhores de escravos poderão se sentar juntos à mesa da fraternidade.”

(<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/mlk2.pdf>).

Com essa famosa frase, Martin Luther King marcou um dos principais momentos da luta racial nos EUA, sua proposta de ação era pautada na não violência e na não desobediência civil. O resultado de sua luta foi a extinção das leis segregacionistas, dando espaço para uma legislação mais justa e igualitária. Embora sua atuação tenha sido nos Estados Unidos, Luther King é lembrado nos quatro cantos do mundo como símbolo de luta pacífica pelos direitos civis.

O Brasil também se posicionava quanto a essa segregação e o racismo que predominava no país. Uma dessas conquistas foi o movimento do teatro negro, o TEN, que tinha como proposta a valorização do negro no teatro e a criação de uma nova ideia de dramaturgia. As peças estavam sempre ligadas à temática do negro. O projeto foi criado por Abdias do Nascimento onde ele via a harmonia do trabalho

pela cidadania, e operários, domésticas, favelados, sem profissão, eram os principais recrutados para as encenações. O teatro experimental negro não alcançou a importância social que buscava naquela época, mas para a história do teatro representou o movimento da vanguarda e hoje traz uma reflexão sobre a ausência dos negros na dramaturgia e nos palcos do Brasil.

Paralelamente ao teatro negro tivemos também o “Ilê Aiyê”, primeiro bloco afro da Brasil, nasceu no Curuzu, Liberdade, bairro de maior população negra do país. O bloco foi fundado em 1º de novembro de 1974, seu objetivo era de preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira. O Ilê, ao longo da sua trajetória, vem homenageando vários países africanos e revoltas negras brasileiras, que contribuíram fortemente para o processo de identidade étnica e a auto estima do negro. Então se apropriou popularmente da história africana para trabalhar a construção da história do negro no Brasil.

O direito à escola e à educação tornou-se forte dentro do movimento negro, através de lutas para o reconhecimento da importância da cultura Africana e afro-brasileira dentro das instituições de ensino, o direito e obrigatoriedade da criança negra ao ensino e educação.

Embora esteja na faixa de baixa vulnerabilidade do IVJ – Violência e Desigualdade Racial –, o Distrito Federal é a unidade da federação com o quarto maior índice de risco, no que diz respeito a homicídios de jovens negros. No DF, o risco de um jovem negro ser assassinado é 6,5 vezes maior que um branco. O levantamento apresenta também outro conjunto de dados referentes ao Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (IVJ – Violência). Criado em 2008, esse indicador foi agora atualizado com dados de 2012. Com esses dados, pode-se observar que esses índices foram criados recentemente, não se sabia nem o índice de mortalidade dos negros durante décadas.

É necessário que haja um esclarecimento ao conceito de educação na atualidade, hoje não se pode dizer que a escola ou instituições de ensino são ambientes estritamente educacionais. A educação engloba acesso à escola, ao material necessário à aprendizagem, à saúde, à cultura e ao incentivo. Sendo assim, a educação vai além dos fatores internos das instituições de ensino.

Do ponto de vista estrutural, a escola nasce. Segundo a teoria de Goffman as instituições são “uma disposição básica da sociedade moderna em que o indivíduo tende a brincar, dormir, comer e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-

participantes sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral”. A escola traz, então, um pesar de lugar mais orgânico, funcional, central, agregando-se a isso a crença de que a escola tem o poder salvacionista. O governo apoia-se nessa ideia, tornando a instituição parte do plano econômico, e a partir daí criam-se inúmeras dificuldades de acesso e permanência de cidadãos dentro das escolas.

Segundo Max Weber, o mundo moderno se organiza a partir de processos de civilização, onde o autocontrole e a conformidade são a base para uma sociedade civilizada, e redefinem as atitudes indagando de modo calculista sobre sua produtividade e eficácia. E Foucault complementa esse pensamento, dissertando sobre como o controle social é feito por instituições que tem como finalidade classificar indivíduos e integrá-los como elementos produtivos.

Desde seu surgimento na Europa Ocidental, século XVIII, a escola revela-se como um dispositivo de poder, um conjunto de interações sociais organizadas, que acontece em um determinado período e tem como objetivo a inserção do sujeito ao trabalho industrial.

Onde estavam os negros dentro dessas instituições? Quais suas prioridades no contexto escolar? Quais as dificuldades enfrentadas para ter esse acesso? Como foi conquistado o direito de falar sobre essa cultura? E como a instituição educacional atual está sendo preparada para lidar com essa cultura?

O objetivo deste estudo é tentar compreender as principais dificuldades que os negros enfrentaram na inserção e permanência nessas instituições de ensino público. Considerando também a situação do negro no meio social, os fatores que se perpetuaram durante os séculos e o reflexo da nossa sociedade atual. Para isso, inicialmente serão analisadas as possibilidades do espaço escolar como instituição total, disciplinar, multicultural e de inter-relações. Em seguida, observaremos o processo e a história do negro na escola, de modo a demonstrar que foi a partir desse momento que reforçou e reproduziu uma cultura de divisão racial e social marcada na história.

A falta de preparação dos profissionais envolvidos nas escolas é, sem dúvida, uma das maiores causas dessa dificuldade de acesso à cultura afro-brasileira e africana, partindo do instante em que a lei resguarda esse direito, deve-se facilitar e disponibilizar materiais e preparações desse corpo docente para informar-se e mediar tal aprendizagem.

Torna-se inviável contextualizar o negro dentro das instituições escolares antes de se destacar o conceito de racismo. O racismo constituiu-se a partir da afirmação da superioridade da raça, de um grupo sobre o outro. Essa superioridade é uma hipótese científica não provada, apesar dos esforços da “ideologia do colonialismo”, interessados em justificar a miséria e o atraso dos países subdesenvolvidos.

A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras de poder. Está ligado a técnicas de poder, à tecnologia do poder. Está ligado a isto que nos coloca, longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao bi poder exercer-se. Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do bi poder do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. E é aí, creio eu, que ele efetivamente se enraíza. (FOUCAULT, 2005, p. 309)

O importante é escutar também o sujeito, observando como o negro sente o reflexo de uma sociedade preconceituosa e discriminatória e relatar, a partir de fatos, como essas dificuldades refletem socialmente no mercado de trabalho, e a valorização da cultura afro-brasileira e africana e os principais anseios para o futuro da educação.

Como metodologia propõe-se um trabalho etnográfico, baseado na observação, conversa informal, entrevista com profissionais da área de ensino, considerando como cada autor tratou o tema, fazendo os recortes necessários de cada momento (século). Numa pesquisa que traz uma metodologia qualitativa, que tem como enfoque a análise do processo educacional do negro, questionando como o estudo da posição do negro dentro da instituição escolar é um tanto arriscado, já que não existem dados específicos, e sim informações históricas sobre o momento em que o negro questiona a sociedade atual.

## **CAPÍTULO 1**

### **1.1 A Segregação Racial na Definição da Estrutura e da Finalidade na Instituição Escolar**

A escola é uma instituição significativa ao ser pensada como foco de experiências e reprodução, onde predominam formas de saberes, matrizes de comportamento, modo de ser dos sujeitos e estilização social, “a partir de uma multiplicidade de sujeições (a da criança ao adulto, da prole aos pais, do ignorante ao erudito, do aprendiz ao mestre, da família à administração pública, etc.)” (FOUCAULT, 2002, p. 52). Sendo assim, a instituição se sujeita à ordem de um regime a ser seguido.

Com a Independência do Brasil, projetou-se o sistema educacional de ensino público. Fundado o Império, em 1822, foram encaminhadas as medidas institucionais, visando à criação de um sistema educacional, porém, já de início, havia uma discrepância entre as medidas legais definidas e as condições concretas de efetivação. Desde sempre, o Brasil não tem leis efetivas.

Além disso, a Independência do Brasil não significou a libertação de todos os seus habitantes, pois a abolição da escravatura só aconteceria após sessenta e seis anos. A Constituição 1824 foi restritiva quando definiu o conceito de cidadão. Segundo o artigo 6º, eram cidadãos brasileiros somente:

- 1o. Os que no Brasil tiverem nascido, quer sejam ingênuos ou libertos, ainda que o pai seja estrangeiro, uma vez que este não resida por serviço de sua nação.
- 2.º Os filhos de pai brasileiro, e os ilegítimos de mãe brasileira, nascidos em país estrangeiro, que vierem a estabelecer domicílio no Império.
- 3.º Os filhos de pai brasileiro, que estivesse em país estrangeiro, em serviço do Império, embora não venham estabelecer domicílio no Brasil.
- 4.º Todos os nascidos em Portugal e suas possessões, que, sendo já residentes no Brasil na época em que se proclamou a independência nas Províncias, onde habitavam, aderiram a esta, expressa ou tacitamente, pela continuação da sua residência
- 5.º Os estrangeiros naturalizados, qualquer que seja a sua religião. A lei determinará as qualidades precisas para se obter carta de naturalização. (OLIVEIRA, 1995, p. 68- 69)

No artigo 179º foi feita com o objetivo de assegurar os direitos dos cidadãos de frequentar as escolas, porém, como os negros não eram considerados cidadãos,

ficavam impedidos perante a lei. Mesmo quando eram garantidos seus direitos, não se criavam condições para a realização.

Para compreender o contexto das instituições, não se pode esquecer a situação econômica política do país, que nada mudou após a Independência, pois a dependência econômica externa e a atividade econômica permaneciam centradas nos latifundiários agroexportadores. Apesar do discurso da Independência, a escravidão foi mantida. A elite temia uma revolução social, defenderam então, a institucionalização das classes desfavorecidas, para que houvesse uma contínua ordem social. Suas preocupações permeavam nas defesas de suas propriedades e na imposição de “civilidade” e “moralidade” dos grupos sociais indesejáveis. Quando a escola começou a receber negros, e os brancos migraram para escolas particulares.

Essa mesma elite buscava educar seus filhos com preceptores, assim, aqueles que não podiam contratar professores particulares acordavam para aulas conjuntas e, aos pobres, restavam algumas escolas que só ensinavam a ler, escrever e contar. “Segundo o relatório de Liberato Barroso, apoiado em dados oficiais, em 1867, apenas 10% da população em idade escolar se matricularam nas escolas primárias” (ARANHA, 2008, p. 223).

Diante de muitos relatos pode-se perceber que o sujeito sendo este negro e/ou pobre estava dentro das menores estatísticas de ensino. A classe dominante negava-se a misturar-se com as classes inferiores, e a participação dessas classes na escola veio com um único objetivo e na prática da efetivação para esses povos não tinha utilização imediata.

A escola no Brasil desenvolveu-se dentro de uma sociedade totalmente desigual e em um contexto econômico que desfavorecia grande parte da população. A escola foi espelhada e construída de maneira a observar os grupos dominantes nessa rotina, o senso comum, a ordem e o controle de corpos. Toda atividade desenvolvida na instituição envolve um grupo de indivíduos que deve participar de todas as atividades propostas. Assim as atividades são organizadas com horários e procedimentos específicos planejados, impostos por um regimento geral e agentes superiores que têm como responsabilidade manter a ordem e efetivação do trabalho proposto.

Segundo Foucault, no contexto disciplinar da instituição se encontra um dispositivo “A vigilância hierárquica”, onde acontece um jogo de olhares e o

professor induz efeitos de poder e controle, por meio de coerção. A ordenação dos alunos e a organização do espaço escolar contribuíram para a verificação e controle de tempo de aprendizagem. A disposição dos corpos criou um espaço escolar de “repartição de valores ou de méritos” (FOUCAULT, 1987, p.126).

A instituição escolar é um micro universo social que exige uma conscientização homogênea por parte dos cidadãos, o controle sobre as ações das atividades populares e a garantia da classe dominante sobre a prole.

A escola tradicionalista segue esse padrão de dominação até hoje, os docentes são orientados a manter a ordem e o discurso de líder e única ferramenta de disseminação de educação e conteúdo é de competência dos profissionais envolvidos obterem o controle dos corpos dos alunos em suas classes.

Segundo Bourdie, a escola ignora diferenças socioculturais, selecionando e privilegiando em sua teoria e prática as manifestações e os valores culturais das classes dominantes. Com essa atitude, a escola favorece aquelas crianças e jovens que já dominam este aparato cultural. Dessa forma, a escola, para esse sujeito, é considerada uma continuidade da família e da sua prática social, enquanto os filhos das classes trabalhadoras precisam assimilar a concepção de mundo dominante.

Partindo desse pensamento quando falamos de meritocracia, caímos no velho discurso de desempenho individual, esquecendo de avaliar o contexto para qual finda as ações. Fácil limitar excelência na educação quando olhamos para a elite da sociedade, agora quando analisamos os marginalizados conseguimos compreender a necessidade de recursos para que a meritocracia seja algo funcional.

Assim, é perceptível nas escolas a hierarquia que existe entre os próprios alunos, a divergência entre o “ter” e o “ser” que é transmitida em pequenas doses no cotidiano das crianças que afeta diretamente a motivação escolar.

Para Bourdieu, a organização do mundo e a fixação de um consenso a seu respeito constitui uma função lógica necessária que permite à cultura dominante numa dada formação social cumprir sua função político-ideológica de legitimar e sancionar um determinado regime de dominação. (MICELI, 2001, p.XVI)

Bourdieu explicita que a perda de identidade de diversos grupos, o desprezo por suas culturas, e a ênfase e obrigatoriedade de internalização de grupos politicamente e economicamente dominantes, faz com que percam as suas

referências tornando-os fracos e inseguros diante da imposição da classe dominante.

Dessa forma, o modelo educacional consegue reproduzir por meio de uma violência simbólica, as relações de dominação. Assim, o processo educacional ocorre de maneira coercitiva, impondo o “*habitus*” da classe dominante, cooptando membros isolados da classe, além de promover os indivíduos dominados, que demonstram ser aptos a reproduzirem e aceitar imposições e os sistemas de pensamentos que legitimam os privilegiados. Cria-se uma aparência de neutralidade. Dessa forma, a escola cumpre sua função de reprodução cultural e social perpetuando as relações sociais de produção da sociedade capitalista.

Seguindo essa linha de pensamento a escola para muitos não é apenas um ambiente voltado para a educação, para o aprender, é um espaço onde várias delas estão presentes por motivos secundários sejam eles referentes a alimentação, ao cumprimento da lei ou até mesmo a aceitação social dentro de determinado grupo.

Para Weber, a educação e o poder nas relações escolares são trabalhados em dois pólos opostos no campo das finalidades educacionais na sociedade. Um seria o de despertar o carisma, ou seja, as qualidades heróicas ou dons mágicos, e o outro seria o de transmitir conhecimentos especializados. Para ele, esses pólos não se opõem, neles está a compreensão de que “preparar o aluno para uma conduta de vida é o mesmo que preparar para a conduta de servir ao Estado e fazer tentativas especializadas de treinar o aluno para finalidades práticas úteis à administração” (WEBER, 1982, p.482). Uma terceira finalidade estaria centrada na “pedagogia do cultivo”, que procura “educar” um tipo de homem culto, cuja natureza depende do ideal de cultura da respectiva camada decisiva.

Seguindo o pensamento de Weber o único objetivo do estado em investir na educação é criar ferramentas para servir o Estado, o único dever das escolas é criar seres capazes de reproduzir e aceitar ordens sem grandes questionamentos. Nesse momento é imprescindível não fazer referência ao mito da caverna de Platão, onde para o estado cidadãos bons são aqueles alienados, a capacitação e a educação só são bem vidas caso elas sejam controladas.

Tanto para Weber como para Bourdieu, existe uma preocupação com o poder revelado na hierarquia, nas titularidades, nas avaliações, classificações escolares, burocratizações e privilégios que contribuem para a manutenção da hegemonia da classe dominante.

Podemos perceber quanto o mecanismo de controle e de pressão social edifica as instituições. O Estado não garantia a escola como direito civil e como obrigação, mas como uma forma de manter o controle social sem que houvesse comprometimento com a ordem e o progresso social. A escola moderna traz como herança os principais fundamentos da escola liberal, sendo o de garantir a ordem, a validade das ideias e preparar cidadão para o mercado de trabalho.

Mesmo que a globalização tenha trago diversas formas de ensinar e modelos educacionais, a maioria das escolas trabalham com o método tradicional e se apóiam em uma proposta ilusória de inclusão. A inclusão ocorre a partir do momento que grupos marginalizados por uma sociedade de estereótipos impõe sua presença nos mais variados ambientes, sendo eles pertencentes de maneira ativa nas atividades, sem resquícios de preconceito ou exclusão.

A inserção da criança tem sido cada vez mais reforçada e incentivada pelo Estado, talvez não seja por motivos nobres, talvez seja por precisarmos cada vez mais nesse momento capitalista de mão de obra imediata. As escolas técnicas estão cada vez mais procuradas, por ser uma classificação de trabalho de pequeno período que possibilita o sujeito com renda baixa a ser inserido no mercado de trabalho com uma determinada capacitação.

## **|CAPÍTULO 2**

### **2.2 Condições Jurídicas e Materiais para a Inserção do Negro na Escola**

Em março de 2003, foi aprovada a Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essa lei altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e tem o objetivo de promover uma educação que reconhece e valoriza a diversidade, comprometida com as origens do povo brasileiro.

Art. 26ª da lei nº 9.394 de dezembro de 1996: “ nos estabelecimentos de ensino fundamental, e de ensino médio, públicos e privados torna-se obrigatório o estudo de ensino de história e cultura Afro-Brasileira e Africana” (BRASIL/ 1996).

Essa lei tem como objetivo prático trazer para as instituições a história afro-brasileira e a cultura Africana de maneira mais didática, sem mistificar ou tornar distante das crianças a história do seu povo, partindo do fato que o Brasil é um país mestiço.

À frente desse movimento, surgiram grupos que passaram a reivindicar a presença da história e cultura afro-brasileira nas escolas, e que estes fossem trabalhados de maneira contextualizada nos componentes políticos pedagógicos. A luta constante desse movimento negro tornou essa Lei uma conquista de décadas. Um movimento negro que lutava por direitos iguais, políticas públicas, integração e justiça social, pois perceberam que as instituições também eram uma forte vertente de propagação do racismo e do preconceito.

O Brasil, que tanto fala de pluralidade, perde-se em meio à “política do embranquecimento”. Nossas riquezas culturais acabam se dissolvendo e predominantemente sendo elitizada por uma sociedade reprodutora, quando se pensa em padrão social, moda, aceitação, muitos negros acabam fugindo da própria essência para fazer parte dessa unificação. Como foi possível constatar, empiricamente, em diversos relatos que ouvidos durante cinco anos em contato com crianças.

É a partir do estudo da diversidade étnico racial e do respeito com as diferenças existentes na nossa sociedade que se pode idealizar uma educação mais democrática. Referente a isso, os PCNS afirmam "Pluralidade é fator de fortalecimento da democracia pelo adentramento do tecido social que se dá, pelo

fortalecimento das culturas e pelo entrelaçamento das diversas formas de organização social" (PCN, 1997 p. 28). Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra, desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes.

Nesse sentido, em 2004, o Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, através da Resolução CNE/CP nº 1/2004, que detalha os direitos e obrigações dos órgãos frente à implementação da lei 10.639/03. Fica, então, a necessidade do ensino de história afro-brasileira e africana pela comprovada existência de desigualdades atestadas em estudos publicados, produzidos por órgãos oficiais, por pesquisadores na área de educação que afirmam haver razões históricas e sociais para que as diretrizes indiquem ações efetivas em todas as instâncias do sistema educacional.

Para compreender a relação raça e etnia, adota-se a expressão étnico-racial na tentativa de abarcar tanto a dimensão cultural, quanto as características visivelmente observáveis.

A obrigatoriedade não significa a implementação e efetivação da lei, nossa realidade é destoante, envolvem processos complexos nas transformações necessárias para a aplicação da lei. Envolve a formação dos professores, a existência de material didático e a estrutura das instituições. Cabe a todos os profissionais envolvidos buscar maneiras de trazer para a sala de aula, didaticamente, o negro como sujeito da história real da sociedade.

Criar condições para que estudantes negros não sejam rejeitados em virtudes da cor de sua pele menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem, respeito às comunidades negras. (PARANÁ, 2005, p.20)

Com isso, busca-se a valorização e o reconhecimento da identidade, da história e da cultura dos povos pertencentes aos diferentes grupos sociais. Nossas instituições de ensino a sociedade precisam ter o conhecimento de uma história que foi camuflada e apagada de nossas memórias com o objetivo de enaltecer a cultura do branco.

A escola tem de ser um veículo de resistência e de democracia no sentido de romper a dicotomia entre prática e teoria, entre pensar e fazer, tem de haver uma

disponibilização nos paradigmas da escola, mudanças nas concepções Políticas Pedagógicas. É necessário propiciar situações em que os sujeitos envolvidos nesse processo, aprendam a pensar e realizar atividades de maneira coerente.

A árvore do esquecimento pode ilustrar exatamente esse pensamento, o Baobá, uma das árvores típicas da região, foi usada como mais uma das armadilhas pregadas aos cativos. Diz a lenda que os escravos eram submetidos a dar dezenas de voltas em torno dos Baobás sob chibatadas e eram obrigados a negar sua cultura, suas crenças e suas origens, para em seguidas serem batizados com a cultura cristã ocidental. E, assim, eram enviados para o cativoiro. Essas voltas simbolizavam, além de desnortear os escravos para que eles não soubessem a localização para a fuga, não ousassem a permanecer com sua cultura.

O controle sobre o acesso à educação se construiu ao longo da história. O estudante negro cresce tendo o trabalho braçal como única referência. A cultura negra frequentemente está sendo sempre apresentada por brancos, portanto, precisamos ter uma visão crítica, diferenciada para essas ações. A importância que a escola tem na educação das nossas crianças e o material didático é um dos meios de comunicação entre o ensino e as crianças.

No Brasil, o livro didático é controlado pelo Estado através da legislação criada em 1938, pelo decreto de nº8. 469. Assim, os livros didáticos só podem ser adotados com a autorização do Ministério da Educação. A representação dos negros nos livros didáticos resume-se ao trabalho escravo ou abolição, privando-os de um contato com as identidades e singularidades de suas culturas.

O livro deve cumprir o papel de estimulador da cidadania, produzindo efeito contrário a todo e qualquer tipo de preconceito e discriminação dentro ou fora da escola. Porém de acordo com Silva:

"O livro didático, de modo geral, omite o processo histórico-cultural, o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade, como o índio, o negro, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem em grande parte para a fragmentação da sua identidade e autoestima" (SILVA, 1995, p. 47).

De forma geral, os livros didáticos devem rever suas vertentes, pois trazem a representação do cotidiano de uma maneira simplificada e falsificada. Em relação aos negros sua presença foi marcada por estereótipos e caricaturada.

Segundo Sant'Ana (2005, p. 57), a partir de dados levantados por muitos pesquisadores sobre o racismo no livro didático, alguns pontos foram detectados e levantados, são eles:

Nas ilustrações e textos o negro pouco aparece e, quando aparece, está sendo representado em uma situação de inferiorização comparado ao branco; pouco ou nada está ilustrado sobre a família negra, é como se a criança negra não tivesse família. Os textos presentes nos livros fazem a criança pensar que a raça branca é mais bonita e mais inteligente; nos textos sobre a formação étnica do Brasil são mostrados o índio e o negro; o branco não é mencionado (em alguns casos) já é pressuposto; Índios e negros são geralmente citados no passado, como se não existissem. Os textos de história e estudos sociais limitam-se as referências sobre as contribuições tradicionais dos povos africanos.

No Brasil existem alguns escritores que falam sobre a democracia racial, o desejo de liberdade a ancestralidade da vida do negro, Esmeralda Ribeiro relata sobre o desabafo do negro, o desejo de sair da margem e lutar por seu espaço, não mais como um indivíduo inferiorizado, sua obra objetiva a militância e a consciência como princípios básicos para o combate ao preconceito. Como é difícil para o negro que não se nega negro, o negro só tem vez quando abdica de sua ancestralidade para ser atribuído a uma cultura elitista.

Me sinto como um ébano que resiste a todas as pressões deste mundo branco, tentando me burlar das coisas que tenho direito ou faço ter direito. Procuro, juntamente com todos os negros presentes neste livro, a oportunidade de expressar de todas as formas com o uso do jogo das palavras um espaço conquistado com muita luta, por profissionais liberais ou não, mas tendo o objetivo de mostrar que o negro saiu ou está saindo do fundo do quintal para sentar na sala de estar. (C.N. 5: 20)

A literatura afro está bastante engajada nessa causa, há disponibilizados diversos livros paradidáticos cujos conteúdos buscam trazer numa realidade acessível, fazendo o retrato da cultura afro e de sua ancestralidade. Muitos autores, são negros e seus argumentos para a escrita de suas histórias sempre se baseiam na necessidade de o negro falar por si só, pois é necessário ser representado por si mesmo.

Apesar das pesquisas não serem recentes, e a lei 10.639 estar em vigor, existem no mercado diversos materiais didáticos e muitos deles permanecem nessa mesma perspectiva. E, apesar da lei não direcionar uma matéria específica para tratar sobre a identidade negra, pode-se concluir que os materiais não favorecem tal

aprendizado. Existem poucos livros paradidáticos que trazem personagens negros, isso quando os fazem.

Dessa maneira, entende-se o porquê da criança negra não se sentir, na maioria das vezes, representada no livro didático, tão pouco sua família ou algo que faça parte do seu cotidiano. É neste momento, que a escola, junto com os professores, aliados aos livros que tratem desta questão étnica de maneira democrática, podem trabalhar no intuito de apresentar para seus alunos negros a sua história, a sua verdadeira identidade, e a necessidade de respeitar o valor peculiar que cada povo e cada cultura possuem.

Precisa-se destacar a importância de autores e filósofos negros como Joel Ruffino dos Santos, João da Cruz e Souza, Luiz Gonzaga Pinto da Gama, Lima Barreto, Tobias Barreto de Menezes, Lino Guedes e Machado de Assis, pois o negro é sempre apresentado por brancos. Nossa filosofia foi abafada há muitos anos, não se fundamentou por não ser escrita, perdeu seu valor por não ter registros e, assim, foi desvalorizada e perdida.

Existe uma grande polêmica, com um dos maiores escritores brasileiros, Machado de Assis e a dúvida que perpetuou durante a história: Machado era ou não negro? Joaquim Nabuco, um dos melhores amigos de Machado de Assis, e um dos maiores líderes da luta pelo fim da escravidão, doeu-se ao ler uma carta onde seu amigo está sendo descrito como “mulato”, o que revela uma hipocrisia, porque para ele, ser chamado de negro ou mulato afetava a grandeza de seu amigo.

A verdade é que Machado de Assis descendeu de uma família de escravos e, analisando seus retratos, pode-se observar seu fenótipo negro, apesar da barba que usava para amenizar e disfarçar a cor de sua pele. O escritor Haroldo Costa comenta sobre a campanha da publicitária da Caixa Federal, que colocou como interprete um ator branco para representar Machado de Assis, causando uma grande polemica:

“É lamentável que uma instituição do governo deixe passar esse erro histórico. E o pior é que não foi a primeira vez que tal equívoco aconteceu. Muitas publicações já ‘branquearam’ o escritor de tal forma que, em algumas fotografias, ele pareceu quase loiro.” (Haroldo Costa)

O fato é que, apesar da grande discussão, há quem diga que Machado nunca foi negro o suficiente. Classificam-no como negro de alma branca e acaba atribuindo

seu sucesso a essa tal de alma branca, quando de maneira alguma podem evidenciar o talento a sua verdadeira condição de homem negro.

Nossa sociedade não está preparada para desassociar a cor da pele com a uma potencial de conhecimento, por isso muitas vezes, nossos destaques negros são voltados para profissões que não requer muitas habilidades teóricas, o negro no Brasil é destacado por seu lado artístico e criativo, exemplo disso é que somos reconhecidos por jogadores de futebol e músicos negros, mas poucos conhecem nossos escritores negros ou os reconhecem como tal.

Ainda vivemos o mito da democracia racial e, segundo o IBGE, serão necessários cerca de 20 anos de políticas afirmativas no Brasil para fomentar a igualdade entre negros e brancos. Atualmente, a população negra no Brasil ainda está em desvantagem em relação aos brancos em todos os itens, como violência, renda, educação, saúde, emprego, habitação e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Segundo um relatório da ONU, não existe região ou estado brasileiro em que a condição de vida da população negra seja melhor que a da população branca.

O IBGE afirma que 48% se dizem pretos ou pardos, pesquisa esta feita no ano de 2005. Um terço dos alunos matriculados no ensino fundamental e médio de escolas particulares que declararam a etnia se considera negros. Já nas escolas públicas, esse índice ultrapassa a metade, chegando a 56,4% dos estudantes. O percentual de alunos pretos e pardos não varia muito entre ensino fundamental (1ª à 8ª série) e médio, nas escolas particulares, 34% dos alunos do fundamental que declararam a etnia disseram ser pretos e pardos, cai para 30% no médio. Já na rede pública, o índice é de 60% e 57%. A medida que os negros avançam nas séries, sobe a distorção da idade adequada. Enquanto 53% das crianças brancas de dez anos estavam na série ideal para a idade, só 35% das crianças negras se encaixavam no perfil.

A distorção sobe aos 17 anos onde 32% dos jovens brancos estavam na série adequada, contra 13% dos adolescentes negros. Segundo a Professora Regina Vinhaes, da Faculdade de Educação da UnB (Universidade de Brasília), diz que o resultado do Censo Escolar vai ao encontro de um tema cada vez mais debatido a qualidade do ensino público. "Mostra que a escola pública tem cumprido o caráter de permitir acesso a todos, independentemente de cor, religião. Mas aponta a responsabilidade que tem. Precisa ser um local de construção de cidadania" (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18838.shtml>).

## **|CAPÍTULO 3**

### **3.1 O Estudante Negro e a Instituição Escolar**

Tendo em vista o estudante negro e com o objetivo de análise na educação, convive-se com várias abordagens, à procura de respostas para problemas vividos ou enfrentados no contexto histórico étnico e cultural que se manifesta no ambiente escolar.

O negro na nossa história nunca pertenceu à sociedade como parte efetiva, sempre foi visto como mercadoria ou mão de obra. Assim, o preconceito ficou enraizado e, a partir da Constituição de 1824, contribuiu para a criação de uma sociedade preconceituosa que acreditava na preservação de seus direitos pelo simples fato destes estarem no papel.

O movimento negro contestou o preconceito que se baseava na utilização da genética para explicar as dificuldades de aprendizagem escolar. Se antes essas ideias dos pesquisadores eram pautadas como os instrumentos de uma medicina e de uma psicologia, que falavam de anormalidades genéticas e orgânicas, agora esses estudiosos partem para o contexto geral, desde as causas físicas até as emocionais e de personalidade, passando pelas intelectuais. Como fica claro no trecho a seguir:

“Dizem para o oprimido que a deficiência é dele e lhes prometem uma igualdade de oportunidades impossíveis através de programas de educação compensatórias que já nascem condenadas ao fracasso quando partem do pressuposto de que seus destinatários são menos aptos a aprendizagem escolar” (PATTTO, MARIA HELENA, p.50).

As denúncias sobre desigualdade racial existente no Brasil, aparecem na segunda metade do século XX, partindo dos movimentos sociais, denominados identitários, que provocaram um debate sobre o lugar da diversidade e da diferença cultural do Brasil.

É a partir da década de 70, que se inicia uma fase de pesquisas que tem como tema a posição dos negros na sociedade brasileira. Enfatizando a necessidade da busca pela identidade negra a partir dos processos de modernização social e a interpretação dos legados, históricos, simbólicos e educacionais de todos os grupos sociais.

Após o processo de abolição, os negros intensificaram a luta por seus direitos, acreditando que o modelo de sociedade não lhes daria espaço, buscavam então construir um modelo de sociedade pautada na diversidade. O racismo e a discriminação os impediam de avançar. Restou para o ex-escravo lutar e criar meios para enfrentar esses desafios, “(...) na realidade, após a abolição o processo de luta e resistência negra ganhou outros contornos” (MUNANGA, 2006, p. ).

Quando se avalia a situação do negro na educação, nos deparamos com uma verdade incontestável, uma herança histórica que a sociedade não amadureceu a ponto de colocar-se em posição, permanecendo com a reprodução da repressão racial. A luta começou desde o período escravocrata em que os negros foram obrigados a transformar toda repressão, levando o negro a reagir do sincretismo que enriqueceu a cultura brasileira, apesar de inserir-se no contexto de produção Européia.

O século XIX foi marcado com o fim da escravidão e a revolução industrial, colocavam os negros em outro contexto de liberdade parcial, no qual se é livre por lei e permanece aprisionado economicamente. A escola universal, obrigatória, determinaria o meio de obter a grande unidade nacional, seria o espaço os fundirão as diferenças de credo e de raça, de classes e de origem.

Com a Proclamação da República, a escola continuaria a ter um papel significativo, defendendo mais os interesses dos grupos dominantes, menos no que diz respeito aos interesses dos mais pobres e marginalizados, do que os interesses dos mais pobres ainda que não marginalizados. A República pouco alterou as relações sociais no que diz respeito à mobilidade dos mais pobres. Ao contrário, ela reafirmou o poder dos latifundiários, a hierarquia social e o poder político das oligarquias. E não parou por aí. Segundo Guttman:

“No campo “científico” reafirmou os valores eugenistas, as teorias racistas e o darwinismo social, tão presentes no discurso dos intelectuais e políticos do Império, tudo para fazer valer as hierarquias baseadas em raças, hereditariedade e no pertencimento social dos indivíduos, e com isso manter o controle sobre as populações indesejáveis (Guttman, 2007; Lobo, 2015).

A intenção da elite era “republicanizar a República” e surgiram então, nesse momento, vários movimentos de contestação, movimentos nacionalistas, o tenentismo, o modernismo e o otimismo pedagógico. Foi a partir desse momento

que o discurso liberal foi ganhando cada vez mais força entre os educadores de profissão, os políticos e os empresários dissidentes do jogo político que vão valer-se da bandeira da escola para todos, não apenas para aumentar o número de cidadãos votantes e acabar com a manipulação do voto e a fraude eleitoral, mas também para “(...) enveredar por uma política que catalisasse a vontade popular enquanto estratégia de tomada de poder” (PATTO, 1999, p. 81).

Segundo Patto, essa movimentação política reformista não resultou em mudanças significativas no panorama escolar brasileiro. As oportunidades de educação escolar para as camadas populares e para os estudantes negros continuavam muito reduzidas, ficando o caráter progressista das ideias liberais contidas nessas reformas restritas ao plano das ideias e da legislação, não se traduzindo em mudanças políticas e sociais concretas.

Já na Era Vargas, não diferindo de seus predecessores, foi também por meio da escola que o regime varguista impôs sua propaganda de Estado e o controle social. Todos os governos fazem uso da propaganda ideológica de Estado, seja para criar um inimigo público, legitimar uma invasão, se legitimar no poder ou dissimular suas ações. Segundo Nunes,

Nesse modelo de governo centralizador e com fortes traços autoritários, a ação pedagógica previa além dos conteúdos ensinados, o culto à personalidade, típico dos regimes autoritários. O que reflete a preocupação do Estado com a formação do pensamento social uniforme e a legitimação do regime político e de seu líder. (HENN, NUNES, 2013, p.1044).

A escola nesse período, como em anteriores, serviu como instrumento nas mãos dos grupos dominantes do país para fazer valer seus objetivos e manter seus privilégios. Assim, observa-se que a reprodução está enraizada na nossa cultura com o único objetivo de sustentar as classes dominantes. A escola é, portanto, o lugar privilegiado, em decorrência de sua legitimidade política e aceitação social.

A correlação entre cor e pobreza no Brasil é o resultado da trajetória do capitalismo, tem sua origem na própria história do país e como este se organizou política e socialmente. As desigualdades no Brasil não são uma fatalidade, mas o resultado de operações lógicas e intencionais que remetem ao século XVI.

Ao pensar a escola com a sua estrutura fundadora, permanece-se de forma semelhante numa sociedade desigual porque a escola passou a ser uma estrutura reprodutora. No período neoliberalista pouca coisa mudou. Na ditadura militar a

escola vivia a continuidade dos modelos anteriores um ensino, pautado na memorização de fórmulas, de datas e nomes dos grandes heróis nacionais e seus grandes feitos. Nesse período, de acordo com Kang (2013, p.):

Os principais investimentos foram para o ensino superior, o que beneficiou e muito as elites, devido ao próprio contexto político e econômico vivido no país. Já em relação à escola primária, houve declínio nas matrículas e estagnação no ensino, resultado dos seguidos anos de abandono e falta de investimentos.

A escola dos anos 1980 e 1990 manteve-se, particularmente, inalterada. Exceto pelo fato de que alguns de seus defensores, como movimentos sociais e setores progressistas, tiveram lampejos e ímpetos reformistas e passaram a dialogar com governo federal.

Já a escola dos anos 2000 a 2010, tal qual sua predecessora (no que diz respeito à efetivação das promessas feitas para ela, como desenvolvimento humano, ascensão social, trabalho e remuneração digna, além de garantia dos direitos básicos) não há evidências, por mais otimistas que seja, de que essa escola que aí está tenha rompido com a lógica de sua antecessora, ainda que se considerem todas as reformas educacionais efetivadas, desde as mais conservadoras até as menos liberais.

Durante o ano de 2015, pôde-se constatar que houve diversos movimentos no campo educacional. Movimentos estes que entram em contradição, a partir da observação nas práticas escolares, pois a escola perdeu a essência educacional e voltou-se para um ambiente de socialização.

As escolas do Distrito Federal sofrem, não só pela falta de profissionais capacitados ou com a falta de infraestrutura, sofrem com uma devasagem cultural. São grandes demandas de crianças que não têm a mínima noção dos seus direitos, crianças oriundas de famílias que estão abaixo da linha de pobreza e se quer se questionam sobre educação, pois estão preocupados com o momento da próxima refeição. São meninos que são obrigados a amadurecer para tomar de conta dos irmãos para que as mães consiga trabalhar, são crianças que crescem dentro de famílias que não tiveram acesso à escola e, por isso, não a colocam como prioridade.

Se direcionarmos o olhar para cada situação específica veremos que a estatisticamente, em sua maioria, são famílias e crianças negras que estão

representadas nesses casos. A partir desses fatos, surgem alguns questionamentos, como o Estado está lidando com as futuras gerações? Como essa defazagem cultural perpetua durante séculos? Como esperar uma sociedade desolvida e uma economia sólida? Se só conseguem analisar as situações, partindo de macro análises, é preciso olhar para a raiz do problema, porque é de lá que virão as soluções a longo prazo.

Em uma entrevista com um aluno de uma escola classe em Ceilandia- DF, negro, ele relatou que a escola, para ele, era como um parque de diversões. Essa declaração inicial causa surpresa, mas em seguida ele explicou que era o espaço onde ele fazia a melhor refeição, onde ele não via o pai, que era bastante “bravo” e agressivo com a família. Enfim, era o lugar onde ele podia fingir ser quem ele quisesse, onde ele era descolado e podia fazer o que quisesse, pois ninguém se importava.

Com a continuidade da entrevista e a observação feita em algumas tardes de visita, foi possível perceber que, para as crianças, o espaço educacional vai muito além do ler e escrever. As instituições funcionam para as crianças como uma válvula de escape, onde muitos estão ali para fugir da realidade familiar, poucos estão sendo acompanhados pelos pais, poucos têm o entendimento do verdadeiro papel da escola. O problema maior não são as crianças veem nessas escolas somente um lugar de socialização, o problema é as instituições não se posicionarem. É essencial que se saiba lidar com crianças como a entrevistada. É essencial o desenvolvimento de projetos que tragam para as famílias a importância das escolas e o respeito à educação.

São casos como esse que fazem parte da nossa cultura, são crianças que sofrem agressões, sejam elas emocionais ou físicas, que constituem a nossa realidade, e as escolas, com o passar do tempo, trouxeram para si tal responsabilidade. A sala de aula deve ser um espaço para discussão, conversa e construção de conhecimento a partir de vivência dos nossos alunos. Muitas vezes, o professor tem de se adequar ao perfil da sua turma, pois a prioridade é o aluno, e a bagagem social desencadeia uma série de problemas culturais.

A questão racial não é exclusiva dos negros. Ela é da população brasileira. Não adianta apoiar e fortalecer a identidade das crianças negras, se a branca não repensar suas posições. Ninguém diz para o filho que deve discriminar o negro, mas a forma como se trata o empregado, as piadas, os ditos e outros gestos influem na educação. (CANDAU pp.29,30).

Alerta que a educação pode ser unilateral e incompleta se não levar em conta os pressupostos multiculturais. A escola deve estar preparada para trabalhar com as diferenças.

## **| CAPÍTULO 4**

### **4.1 Pensando a Superação do Racismo a partir das Teorias Multiculturais**

O multiculturalismo, como proposta inclusiva, pode ajudar os grupos de pouca visibilidade social, contribuindo com a construção de uma proposta educacional. Porém, é preciso pensar se as propostas curriculares oficiais estão sendo elaboradas a partir de uma abordagem multicultural. O fato de ser uma sociedade composta por uma diversidade não torna essa mesma sociedade referência de uma educação multicultural.

As políticas públicas, como discurso e como texto, podem desempenhar o papel de promover o reconhecimento das diferenças, orientando os envolvidos no processo e oferecendo os instrumentos necessários para se pensar uma educação de fato inclusiva. Assim, o multiculturalismo leva em conta tanto o nível macro político da organização estrutural da sociedade, quanto o nível micro político, fazendo conexões com relações materiais reintegrando o cultural, econômico e simbólico. Segundo Henrique,

A maioria dos excluídos é constituída por grupos de não brancos, numa sociedade regida por paradigmas brancos no qual grupos veem sendo marginalizados em um processo de construção de identidade. Os estudos sobre pobreza, quando introduzem a dimensão étnico racial para análise, tendem a concluir que os afro descendentes não desfrutam dos mesmos padrões de vida da população branca pelo fato de serem pobres. (HENRIQUES, 2000, p.).

Relações raciais, multiculturais e currículos são temas relacionados e devem ser trabalhados paralelamente, sendo assim emergem juntos. Não é possível abordar multiculturalismo e currículo sem problematizar as relações raciais nas escolas. O processo de inclusão ou exclusão passa pela oportunidade de inserção que se dá inicialmente nas escolas.

A cultura é entendida como uma maneira de um grupo social entender a vida. Cultura é tudo aquilo que um determinado grupo social o “cultua”, isto é, inclui seus valores e suas tradições. Cada grupo social detém uma determinada cultura, com diferentes características; entretanto, essa questão também diz respeito a cultura dominante dentro de um grupo. (MACHADO, GOMES,)

A necessidade de políticas de reconhecimento não pode ser limitada à esfera pública, deve estar relacionada à esfera cultural. O Estado, como primeiro responsável pela elaboração das políticas públicas, deve combater o determinismo cultural, protegendo a sociedade de diversas ideologias controversas.

Atualmente existem programas e órgãos responsáveis pelo monitoramento e fiscalização da implementação das culturas no ambiente escolar. A UNESCO, como uma delas, propõe um o Relatório de Monitoramento Global de Educação para todos, publicado anualmente, monitora o progresso global dos seis objetivos de Educação para Todos. O relatório apresenta evidências para informar gestores de políticas públicas sobre questões temáticas específicas como atingir as populações marginalizadas, conflitos, habilidades para juventude ou sobre ensinar e aprender. O Relatório apresenta dados de uma variedade de fontes, incluindo as do Instituto de Estatística da UNESCO .

O Relatório de 2015, intitulado “Educação para Todos 2000-2015: progressos e desafios”, fornece um relato do progresso nacional e dos compromissos assumidos pela comunidade internacional, baseado em evidência estatística atualizada, em análise profunda de políticas e em estudos de caso informativos.

Esse monitoramento pode vir a emponderar diversos grupos vulneráveis, incluindo sexo, etnia e língua. O entendimento e aceitação do momento atual é o primeiro passo para o avanço. Essa explicitação pode vir a favorecer a diversidade, baseando-se no tripé entre as políticas públicas o Estado e as instituições.

A reflexão sistemática sobre o currículo está diretamente relacionada à massificação da educação, ao aceleração da industrialização e à intensificação

dos movimentos migratórios no início do século XX. A teoria tradicional acreditava que a escola criaria o trabalhador exemplar. A teoria crítica buscava desvelar as ideologias existentes naquele currículo e, por meio desse processo, trazer à consciência os mecanismos de dominação e violência, colaborando para a criação de cidadãos críticos e livres pensantes.

É importante destacar sempre que se volta ao ponto de partida, a criação da educação sempre esteve ligada ao controle das classes, partindo de um discurso salvacionista em que a instituição e o acesso à educação levariam ao sucesso pela meritocracia. As instituições escolares nunca trabalharam uma vertente na qual a essência do saber era a verdadeira necessidade, a escolarização foi pensada sempre dentro de um processo histórico econômico.

As ações afirmativas de cunho racial resultam de discussões éticas e jurídicas contemporâneas e de sua consequente revisão de conceitos como igualdade e discriminação racial. Por sua vez, essas revisões ocorrem em função de eventos históricos recentes ocorridos no século XX, como o combate do racismo por parte de ONU ao final da Segunda Guerra Mundial. Com o processo de descolonização da Ásia e da África, a emergência de novas demandas de reconhecimento identitário e étnico, a intensificação dos fluxos migratórios alargando os contatos entre os Hemisférios Norte e Sul, assim como a convivência e o confronto entre a “modernidade” do Norte e o “atraso” das culturas do Sul.

Essa polarização do mundo – Norte como sinônimo de prosperidade, Sul, estagnação –, fruto do paradigma eurocêntrico até então reinante, como raízes no pressuposto da desigualdade das raças, entrou em choque quando insurgiram ondas de insatisfação pelo Terceiro Mundo, as quais tiveram como consequência a formulação de novos paradigmas, que criaram ainda outras dicotomias, mas que propuseram novas saídas, novas formas de pensamento.

A globalização tem facilitado o conhecimento de outras culturas, colocando em evidência tradicionais conceitos da cultura ocidental, potencializando o multiculturalismo. Essas propostas têm como objetivo ações afirmativas que devem ser aplicadas, com estudos aprofundados para que não haja apenas uma reparação paliativa. O mito da democracia racial ofusca o verdadeiro objetivo das ações afirmativas e pretende garantir que grupos historicamente discriminados tenham acesso igualitário às oportunidades, promovendo a sua inserção nos mais diferentes estratos sociais.

## 4.2 O Multiculturalismo como Instrumento das Ações Afirmativas

É preciso ter em mente, manifestações escolares da dificuldade da inserção do negro na educação, no entanto, são necessárias ações afirmativas são esses programas e medidas muito mais abrangentes e que não se restringem somente à discriminação positiva, ou seja, à política de cotas. Apesar de terem sido iniciadas oficialmente as medidas para adoção das políticas de ação afirmativa ainda durante o governo Fernando Henrique Cardoso, é no mandato de Luiz Inácio Lula da Silva que a questão racial fica mais evidente e ganha corpo através da crescente discussão pública, a nível nacional.

Ao visitar o ambiente escolar para observar a situação da inserção do cultura afro brasileira e Africana me deparei com contradições. Como é possível um espaço que naturalmente abriga a diversidade, não ser capaz de tratar com esse tema tão presente no cotidiano. O que impressiona é a falta de capacitação de profissionais que foram ou deveriam ter sido formados para tal atividade. Ao chegar tentei trazer um pouco do negro, da cultura afro brasileira e Africana abrangendo músicas, tecidos, fenótipos, alimentos e a própria África, tudo muito superficialmente. Meu objetivo nesse contato com as crianças, era na verdade absorver o máximo que elas soubessem sobre o que é ser negro, e se identificassem dentro dessa identidade.

Contei a historiada 'Menina bonita do laço de fita' da autora Ana Maria Machado e comecei a questioná-los com o sentido de algumas palavras, sempre trazendo o personagem para com que os alunos pudessem se identificar.

Partindo da conversa com alguns professores sobre como a temática é abordada na escola, senti muita insegurança, muitos desconheciam a lei 10.639, e quando eu esclarecia do que se tratava tiveram dificuldade de responder as questões apresentadas, muitos se afirmaram na semana da consciência negra e nos livros didáticos, sempre fazendo referência ao Zumbi dos Palmares.

O que me impressiona no comportamento desses educadores, é a falta de preparação de lidar com o conteúdo, a maneira de abordarem e de discutir com seus alunos, muitos se quer entendem a necessidade de trazer esse tema, acham algo polêmico e que podem gerar conflitos entre os alunos e as famílias.

Uma professora relatou, contou que a semana da consciência negra é uma semana especial, porque elas falam da importância que o negro teve na época da

escavidão, o negro sempre é apresentado no passado, como se hoje a nossa população não fosse em sua maioria afro descendentes.

Com a esperança de um diálogo mais consciente procurei a equipe pedagógica que me trouxe o mesmo discurso, que a instituição escolar trabalha o que está no currículo, e como são muitos conteúdos eles privilegiam o que realmente vai fazer diferença na vida das crianças. A partir dessa observação me questionei se o maior problema da inserção do negro na escola não se deve a esse tipo de gestão?

É o futuro das nossas crianças, da nossa população, como fazer essas pessoas perceberem que a cultura afro brasileira faz parte da sociedade e que os negros além de contribuíram e contribuem até hoje foram coatores, que somos e temos direitos a serem exercidos e que não podemos viver sempre a sombra do branco.

A maioria das crianças negras não tem consciência da sua identidade negra, o “ser negro”, muitas diziam ter parentes negros, sendo eles irmãos, mães, tios, pais e avós, mas eram incapazes de se identificarem e se afirmarem. Entre as conversas pude observar uma criança pedindo para o colega um lápis de cor emprestado, dizia ele ser “cor de pele”, nesse momento aproveitei o gancho para trazer a discussão.

O que é ser “cor de pele”, como podemos sempre fazer referência ao rosa claro, afirmando que ele é da cor da pele, pele de quem? Nesse momento foi visível os olhares conflituosos, perguntei como aquele lápis podia ser da cor da pele se eu tinha uma pele e minha pele não era daquela cor, e fui mostrando que na verdade nenhuma delas tinha a cor da pele que eles se referiam.

Com isso, pude ver como é difícil desconstruir o que nos é ensinado desde o nascimento. O quanto a cultura ocidental apagou as nossas raízes, o quanto o negro foi deixado no passado e como nossas políticas públicas não estão sendo eficientes.

É incrível perceber que por mais mobilização que estejam acontecendo de diversos grupos, ainda são grãos perto do todo, mas a luta é isso, precisamos cuidar mais da formação dos nossos professores, porque é a partir de profissionais críticos que teremos forças para disseminar diversidade. Tendo como um dos instrumentos o multiculturalismo.

O Estudo da África não se limita a revisões referentes à história do africano e seus descendentes espalhados pelo mundo moderno, mas, sobretudo exige uma revisão de toda a história da humanidade. A história da África deve ser reescrita. E

isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada pela força dos interesses econômicos:

O sistema escolar de hoje desempenha a tríplice função, própria das poderosas igrejas no decorrer da História. É simultaneamente o repositório do mito da sociedade; a institucionalização das contradições desse mito; o lugar do rito que reproduz e envolve as disparidades entre mito e realidade (ILLICH, 1985, p. 51).

Na escola só tem legitimidade o conhecimento autorizado de origem Européia, sistematizado de acordo com os padrões científico-escolares, passando por uma seleção de como as culturas foram retratadas.

Como exótico, ligado a uma diversidade comercializada como produto cultural e sem sentido ou ancestralidade.

É importante destacar a existência da formação continuada, dentro deste tema o fato de após 11 anos da implementação da lei 10.639, grande parte das instituições ainda mantém os currículos dos cursos de formação desatualizados. Instituições de ensino superior como a Universidade de Brasília, por exemplo, ainda não contemplam a disciplina de Educação para Relações Raciais como componente do currículo obrigatório, oferecendo do modulo optativo, o que não contemplam a realidade da obrigatoriedade da abordagem do tema no exercício da profissão docente.

Para amenizar a falta de efetividade da lei 10.639 o Distrito Federal conta com vários projetos e um deles é o grupo cultural “Grito pela Liberdade” que leva para as escolas um espetáculo de arte e educação afirmando a matriz da identidade do povo brasileiro. O espetáculo é uma reverência a mitologias africanas explorando as técnicas de manipulação corporal, com uma variedade artística de figurinos que resgatam a ancestralidade e coreografias que levam ao limite do corpo humano.

A sociedade que queremos é uma sociedade plural onde convivem lado a lado diferentes religiões, orientações sexuais, origens e etnias. Nesse esforço a escola é um espaço privilegiado para discussões, estudos, reflexões e difusão dos princípios da diversidade por meio de atividades extracurriculares, acesso a exposições, reprodução de filmes sobre o tema. Tudo isso pode fazer com que o jovem elimine seu preconceito e adquira o respeito à diversidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afirmação da identidade negra pelo próprio negro torna-se mais que necessária e a luta de movimentos engajados, a fim de que ele pudesse ser visto como sujeito da história. O conceito biológico de raça e a discriminação racial está fortemente associado à criação autoritária de instrumentos de controle e falta de instrução criados por um domínio da elite para administrar o processo de ascensão social no Brasil.

Diante dessa pesquisa pude observar a situação da nossa sociedade, com um olhar mais crítico e voltado para o pensamento e luta do movimento negro. Hoje estamos sendo bombardeados com inúmeras informações que estão lutando pelos direitos e poder viver da forma que escolheram. Nós negros muitas vezes somos julgados e colocam nossa luta como vitimização, porém o que todos que estão marginalizados ou fora do padrão querem é que possamos fazer parte de uma sociedade como parte integrados e ativos, queremos ver nossos direitos sendo exercidos efetivamente, queremos usufruir da nossa cultura e ensiná-las para nossas crianças. É que apesar de termos sido reprimidos, lutamos pela valorização das nossas raízes históricas. A luta é por um país sem preconceitos, sem racismo e sem qualquer atitude que possa ferir o espaço do outro.

Com a pesquisa de campo eu pude observar a deficiência das instituições e dos profissionais em lidar com o tema que deveriam e está estipulado na lei 10.639, de apresentar e trabalhar a cultura afro brasileira, nossas crianças precisam localizar-se no espaço e no tempo, permitindo-se conhecer parte de sua cultura, entender suas raízes e propagar um futuro sem reprodução de preconceito. Precisamos educar para a diversidade!

O multiculturalismo como instrumento deve ser trabalhado junto a diversidade, nosso cotidiano escolar é pautado com situações e vivência de vários alunos e famílias e é em cima de contexto assim que podemos trabalhar as diferenças, não é somente a cor de uma pele que diferencia um povo, ou uma história, mas todo um contexto do passado. Se sonhamos com mudanças, é dentro das escolas junto a nossos alunos e sua pluralidade que encontraremos o futuro.

A parte dirigente das escolas devem rever seus projetos políticos pedagógicos e tornar seus profissionais capazes de trabalhar com temas e situações do nosso cotidiano e do nosso passado, a história só existe diante de um passado é

nesse argumento que precisamos consolidar a verdade, esclarecendo conceitos básicos.

A ação para o reconhecimento da identidade de um povo negro remete aos conflitos que se estabeleceram durante a própria história do Brasil. Se durante a escravidão os negros eram inferiorizados, forçados, e tinham sua cultura reprimida, ainda hoje isto está presente no contexto político em que a luta pela identidade e pelos direitos quilombolas se configuraram. O Racismo de fato é uma arma muito poderosa, estratégica e sobretudo eficiente para a elitização dos direitos.

A cultura Afro-brasileira e a Africana não deve ser retratada apenas pela sua materialidade, não só danças músicas dos sambas e adornos. Toda cultura é baseada em outras práticas e tradições representadas pela sua própria identidade.

Após as discussões apresentadas, é possível reconhecer o quanto a questão do racismo ainda é fator determinante no diálogo entre Educação (enquanto instituição escolar e campo do conhecimento), o contato superficial promovendo a permanência da negação, impedindo a construção da identidade negra que tanto se comemora no mês de novembro.

Promover o contato da Escola com a diversidade através de mecanismos legais e multiculturais podem proporcionar e fortalecer o desenvolvimento de aspectos essenciais as noções de identidade e cidadania dos alunos, é necessário que perspectivas críticas e emancipadoras sejam a base das atividades que integram uma nova proposta para a relação multicultural.

## PERSPECTIVAS FUTURAS

O Brasil é um país de multiculturalidade e pluralidade em diferentes contextos, ser negro abrange uma ancestralidade e uma força diante da sociedade. Lutamos todos os dias para conquistarmos um espaço que é nosso, afinal fizemos parte da construção da cultura do país. Somos aqueles que deram o suor pela terra e fizemos do sangue negro o solo fértil. Pode parecer um tanto poético, mas nossos ancestrais viveram a dor de se perder para sobreviver em sociedade repressiva.

Passaram-se muitos anos após essa libertação, fomos escrachados, humilhados e amputados diante daqueles que não valorizaram ao menos o pouco da nossa cultura. Nunca fomos suficientes para está ao lado do branco, sempre fomos submissamente repreendidos quando tentávamos mostrar que podíamos ir além do que nossos deveres.

Foram anos, foram homens, mulheres e crianças que lutaram para hoje eu está aqui podendo dissertar sobre o passado, o presente e o futuro da cultura afro brasileira e africana no nosso país, foram lágrimas, suor e sangue derramados para eu poder está hoje lutando contra o preconceito direto e indireto de uma sociedade hipócrita.

Nossas instituições escolares hoje suportam uma responsabilidade que vai além do ensinar, nós, futuros pedagogos, carregamos uma função de acumuladores de responsabilidades. A instituição escolar não é vista como a segunda casa do aluno, hoje somos nós, muitas vezes, que servimos de reflexo de todo o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos.

Para assumir tal responsabilidade, assumo o compromisso de lutar e fazer valer todo o sofrimento dos nossos ancestrais, esses que lutaram para que suas crianças tivessem o direito ao conhecimento, a saúde, ao saneamento básico, o respeito, o espaço no mercado de trabalho e a qualidade de vida.

A lei 10.639 foi elaborada para ser cumprida e efetivada, nossos professores precisam ser preparados para aplica-lá e saber conduzir situações que abrangem essa diversidade. Precisamos saber falar do negro que a sociedade põe a margem porque muitos desses podem compor nossas salas de aulas e devemos saber como trabalhar essa visão sem transmitir qualquer resquício de preconceito.

A cultura afro brasileira e africana é tão rica, e como prevista na lei 10.639 podemos abordá-la nas diferentes vertentes em diferentes disciplinas, seja um jogo

de memória com personagens negros que influenciaram a história da África, seja uma viagem geográfica pelas terras da África, através de pesquisas, globos e multimídias, seja interpretando histórias que personagens negros não sejam apenas escravos ou serventes, talvez buscando exaltar qualidades a esse povo que tanto contribuíram para nos tornarmos o que somos hoje.

A lei 10.639 nos permite abrir os olhos e colocar em prática, todo o preconceito nivelado, ela nos permite trabalhar com crianças que por serem negras e fazerem parte de uma classe social não favorecida, não sejam marginalizadas e chamadas por termos pejorativos como “trombadinha”, essas crianças devem ser vista com dignidade. Essa lei nos permite trabalhar os diversos tipos de pré conceitos estabelecidos. As piadinhas de negros, não serão mais aceitas, por não serem apenas piadas, mas por se tratarem de uma bagagem cultural que permite a segregação e hostilização de uma etnia, não serão aceitos que os negros em novelas que fazem parte do cotidiano de grande massa popular, sejam retratados somente como serventes, as mulheres negras não querem mais ver seus corpos sendo sexualizados tão cedo, as mulheres negras pedem respeito e é a educação que trará o respeito a nossa sociedade. O respeito e a valorização da cultura.

A maior perspectiva de futuro é conseguir transmitir conhecimento a essas crianças, é dá a elas a chance de não aceitarem ser diminuídas pelo seu fenótipo, ou qualquer traço de uma cultura que fuja do padrão, meu objetivo como educadora será mostrar para as crianças a riqueza que a diversidade pode trazer para a nossa sociedade, e para isso acontecer usarei de todas as ferramentas que a educação disponibilizar.

A educação vai além dos muros da escola, por isso a participação das famílias são essenciais para o desenvolvimento da criança, se conseguir ao menos que as famílias entendam que a educação é a única maneira de um futuro melhor um grande caminho já terá sido vencido. Sabemos como a classe desfavorecida pensa em otimizar o tempo para poder ter acesso mais rápido a condições financeiras melhores, por isso muitos pais acreditam que a escola não deve ser a primeira opção.

Mas o engano se encontra nessa referencia que eles trazem consigo, a educação vai trazer não somente uma melhora nas condições financeiras, mas trará

conhecimento de seus direitos frente ao Estado, dignidade dentro de uma sociedade que insiste em mostrar que eles são excluídos.

Para o futuro eu espero melhoras no currículo, na formação de licenciatura do curso de pedagogia eu espero que haja uma maior interação entre prática e teoria dentro da própria Universidade, estamos juntos lutando pelo mesmo ideal, que é trazer para as instituições educacionais informações, troca de conhecimento e afetividade.

Seria um grande apoio as mães da Faculdade de Educação que seus filhos tivessem uma creche dentro da universidade, e mesmo as mães próximas muitas delas empregadas domésticas que não tem onde deixar suas crianças no período inverso ao da escola, mas que necessitam sair de suas cidades satélites para encontrar trabalho nas zonas centrais. Partindo do pressuposto que essa creche seria uma extensão nos projetos da Universidade.

Para o futuro espero, um mestrado que me faça aprofundar mais minha linha de pesquisa e que eu consiga colocar projetos sociais engajados na pesquisa, projetos que tem como objetivo promover a educação a esses jovens negros que por algum motivo se desvirtuaram do caminho da educação e hoje sofrem em um sistema carcerário que não comporta educação efetiva.

Espero promover grupos de colaboradores e pedagogos que estejam dispostos a participar de aulas de orientação aos pais e famílias, que de maneira didática os façam perceber que nossas crianças são nossos reflexos e elas fazem o que nós fazemos e não o que falamos. Mostrar-lhes como as crianças precisam de tempo com seus familiares para ter esse diálogo e assim crescerem confiantes e seguras.

Uma pós graduação em gestão e educação especial também estão nos planos, porque se apenas ser negro já é difícil em uma sociedade que busca seguir padrões elitista, imagina como é ser negro e deficiente dentro de uma sociedade intolerante. Quero poder trabalhar em uma escola que onde o preconceito seja um conceito do passado, quero trabalhar para educar as crianças perceberem como a diversidade só tem à contribuir.

A realidade das crianças negras não é somente uma ilusão, se sairmos um pouco da zona de conforto será possível planejar um futuro melhor, onde universitários poderão colher seus dados e confrontar com as verdades que o passado deixou registrado. Sonho com uma escola diferente das instituições que

Goffman relatou e que se espelharam para construir nossas escolas, sonho com modelos liberais onde todos terão participação ativa na construção do conhecimento.

As religiões serão todas aceitas, o candomblé e a umbanda passarão de religiões mistificadas do “mal”, magia negra ou macumba, por não ter sido aceitas pelos catolicismo, e passarão a ser respeitadas por retratarem a cultura de um povo.

Todas essas ideias, não são sonhos, são projetos que eu tenho em mente e sei que se todo pedagogo seguir com a mesma linha de pensamento, conseguiremos mudar essa realidade que hoje é tão egoísta e que famílias serão orientadas a viver dignamente e que nosso futuro será regado de amor ao próximo respeito e educação.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

APPLE, Michael W. **Políticas de direita e branquidade: a presença ausente da raça nas reformas educacionais**. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, n. 16, p. 61-67, jan./abr. 2001.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2008.

ALGARVE, Valéria Aparecida. **Cultura Negra na sala de aula: pode um cantinho de Africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, UFSCar. 2004.

BRASIL. **Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância**. Disponível em: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/Racismo.pdf>. Acesso em:

BRASIL. **Constituição Federal 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em:

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei 9.394/96. Estabelece Leis, Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em:

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e Africana**. Lei 10.639/2003. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho Interministerial. Disponível em: Acesso em:

BRASIL. **Presidência da República. Casa Civil**. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.

BRASIL. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Ministério da Educação. Brasília: SECAD, 2006

BOURDIER, Pierre. **A economia das trocas simbólicas** / Pierre Bourdier: introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIER, Pierre. **Respuestas - Por una antropologia reflexiva**. Tradução HelèneLevesque Dion. México: Grijalbo, 1995.

CANDAU, Vera Lúcia. **Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

**FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. 1987.**

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis:Editora Vozes, 1999.

**FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade**

FOUCAULT, Michel. "**Aula de 17 de março de 1976**" In:\_. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HENRIQUES, Ricardo. **Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza: por um novo acordo social no Brasil**. In: \_\_\_\_\_. (Org). **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas**. Petrópolis: Vozes, 1985.

JESUS, Rodrigo Edinilson. **Diversidade étnico-racial no Brasil: os desafios à Lei nº 10.639 de 2003**. Revista Retratos da Escola, V. 07, n.13, p.399-412, jul/dez. 2013. Disponível em: <http://www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/viewFile/314/484>.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura Negra e Ideologia do Recalque**. 3º edição. São Paulo: Pallas, 2011.

MACHADO, Cristina Gomes. **Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MICELI, S. **Introdução: a força do sentido**. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

MUNANGA, Kabengele & GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. Coleção para entender, São Paulo: Global, 2006.

OLIVEIRA, Romualdo Portela. **Educação e Cidadania: o direito à educação na constituição de 1988 na República Federativa do Brasil**. São Paulo: Tese de Doutorado Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação, 1995.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **Cadernos temáticos: inserção dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares**. Disponível em: ----- Acesso em: 23/05/2016

**PATTO, Maria Helena Souza. A Produção do Fracasso Escolar**

SANTA"NA, AntonioOlimpiode. **História e cultura e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: Munanga, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília, 2005.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CED – Centro Editorial Didático e CEAO - Centro de Estudos Afro - Orientais, 1995.

WEBER, M. **Os tipos de dominação legítima**. In. COHN, G. (org) **Max Weber: sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

“5 poemas para a rainha Quielé”, “E agora nossa guerreira”, “Jogo de luzes”. **Cadernos negros 15**. (org. Quilombhoje). São Paulo: Edição dos Autores, 1992.

\_\_\_\_\_. *Cadernos negros 16*. (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1993.

\_\_\_\_\_. “O que faremos sem você?”. *Cadernos negros 18*. (rg. Quilombhoje). São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1995.

*Movimento pelos Direitos Civis*. In Britannica Escola Online. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2016. Web, 2016. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/480991/Movimento-pelos-Direitos-Civis>>. Acesso em: 02 de julho de 2016.

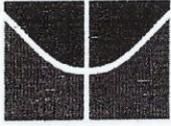
Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.3, n.1, 2014.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18838.shtml>

[//www.youtube.com/watch?v=3o1aOF6PeWM](http://www.youtube.com/watch?v=3o1aOF6PeWM)

[www.youtube.com/watch?v=CkcpROCi0A](http://www.youtube.com/watch?v=CkcpROCi0A)

[http://www.academia.edu/8087880/2010-1\\_Prova\\_1\\_da\\_disciplina\\_Teorias\\_da\\_Justi%C3%A7a\\_ministrada\\_no\\_curso\\_de\\_Ci%C3%A7ncias\\_Sociais\\_da\\_UFRJ](http://www.academia.edu/8087880/2010-1_Prova_1_da_disciplina_Teorias_da_Justi%C3%A7a_ministrada_no_curso_de_Ci%C3%A7ncias_Sociais_da_UFRJ)



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

Nome: Dávis N.º: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_ Turma: 1 Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25 / 10 / 2016

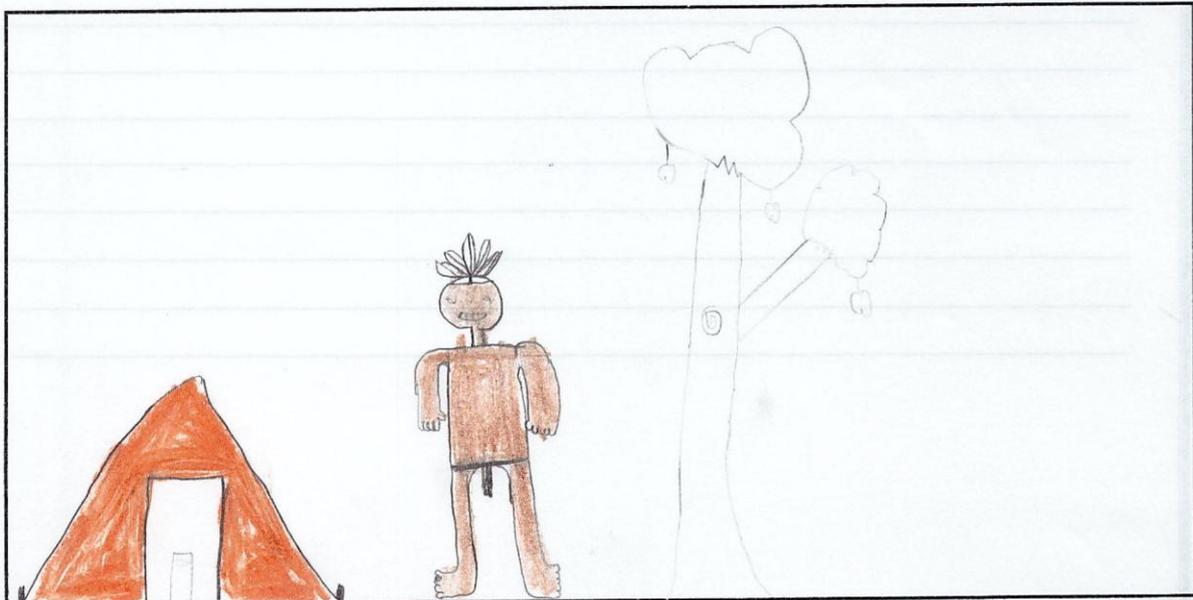
Professor(a): \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

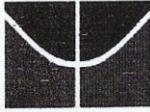
Deu negro  
Sim

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

que quando o negro está doente e a doente do branco

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

não



Universidade de Brasília

## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

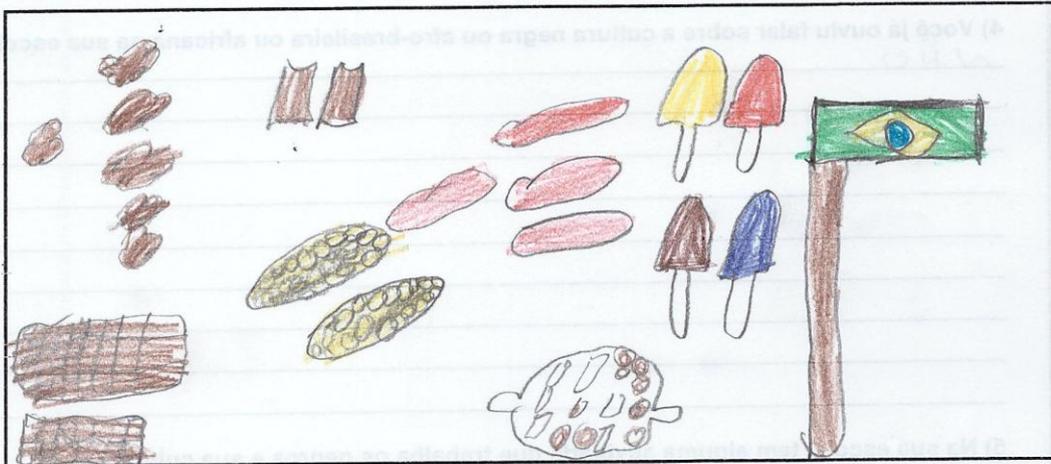
Nome: ERIK N.º: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_ Turma: 3<sup>o</sup> D<sup>o</sup> Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25/05/2016

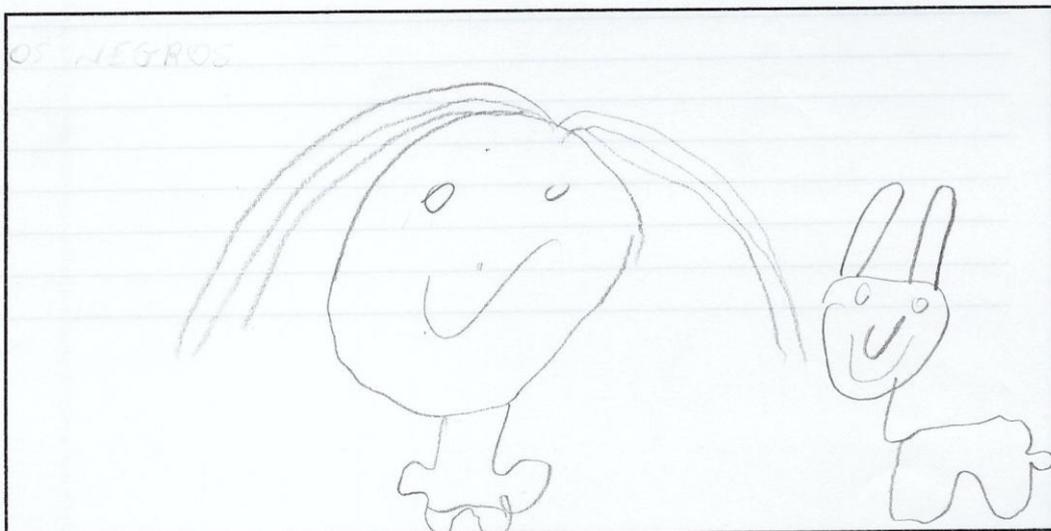
Professor(a): ROSIMAR

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

SIM, TEM MULHERES NEGRO QUE TEM  
COENHO TEM MULHERES QUE TEM CHAPAL

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

NÃO

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

NÃO



Universidade de Brasília

## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

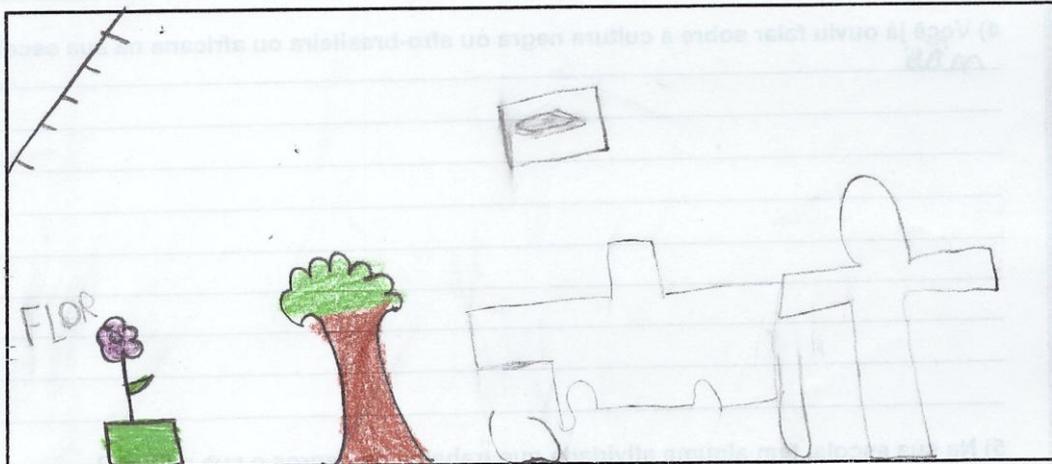
Nome: Vitor Hugo N.º: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_ Turma: 30º Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25 / 05 / 2016

Professor(a): \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

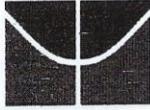
negro, tubante.  
sim.

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

não

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

não



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

Nome: Anna Souza N.º: \_\_\_\_\_

Ano: 3 Turma: C Turno: Noturno Data: 25/09/2016

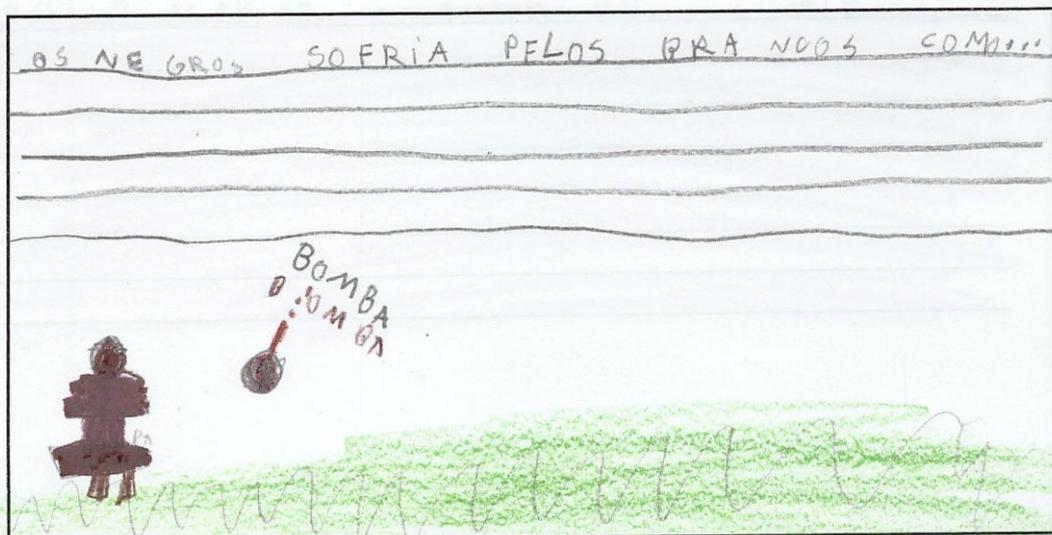
Professor(a): Adriana

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

negro é uma ou uma pessoa com  
 pele escura ou negra

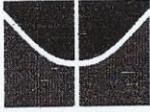
meu irmão é negro

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

NÃO

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

SIM OS NEGROS FORAM ESCRAVOS



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

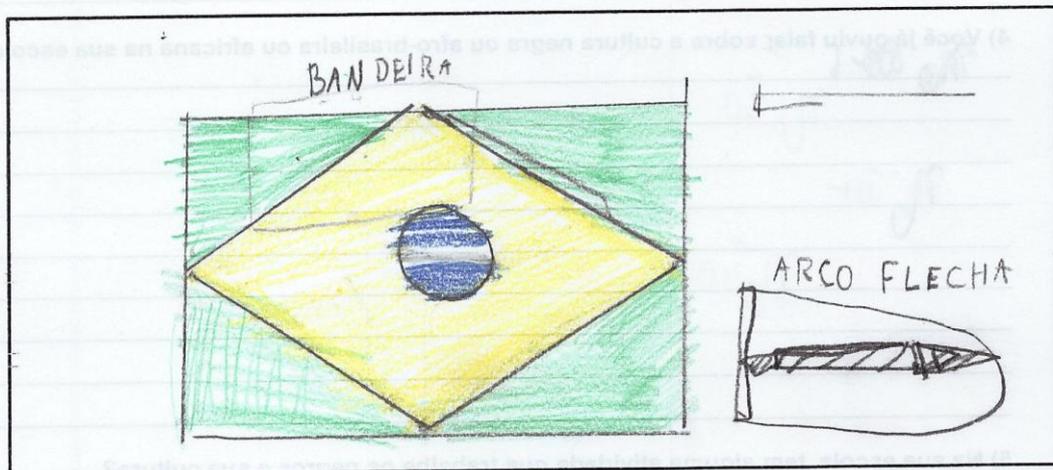
Nome: Maria Eduarda Damascena N.º: \_\_\_\_\_

Ano: 3 Turma: 20 Turno: matutino Data: 23 / 05 / 2016

Professor(a): \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

A pessoa a que tem hereditário!

Sim. avô, avô, \*leizão, leizão!

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

~~Sim~~

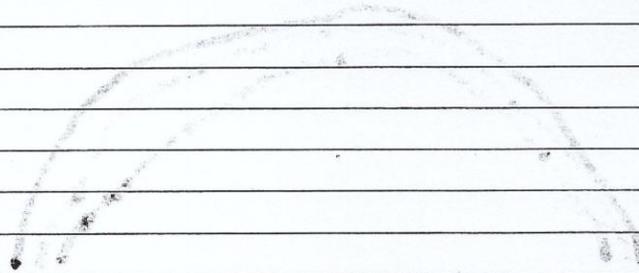
não

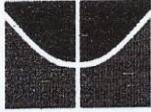
não

não

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

não tem!





## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

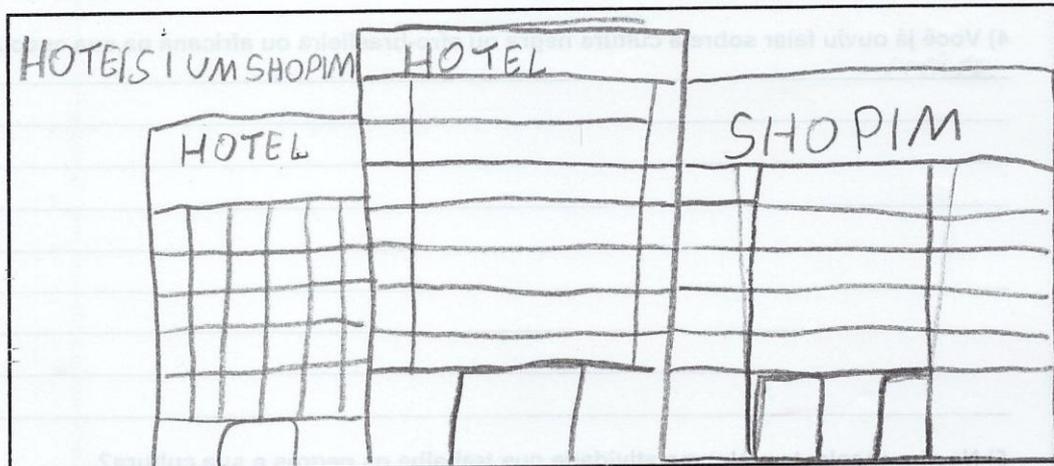
Nome: FELIPE N.º: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_ Turma: 3ª Turno: VESPE Data: 25/05/2016

Professor(a): P TI MO

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

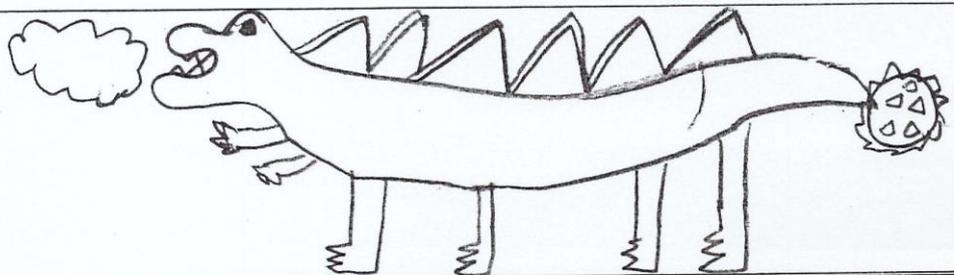
Uma pessoa negra ela é preta como uma  
sacola preta. sim.

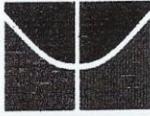
4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

sim.

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

não





## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

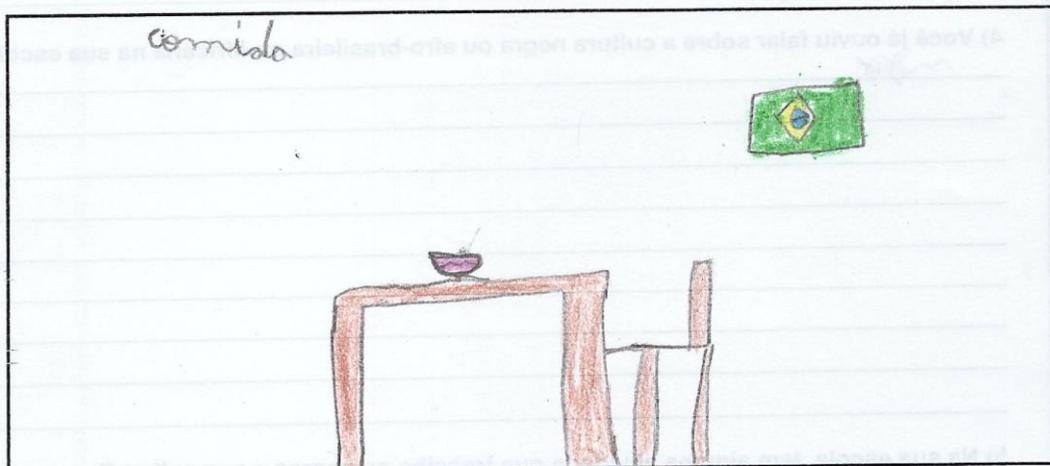
Nome: GUSTAVO N.º: \_\_\_\_\_

Ano: 9º Turma: 3 Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25/05/2016

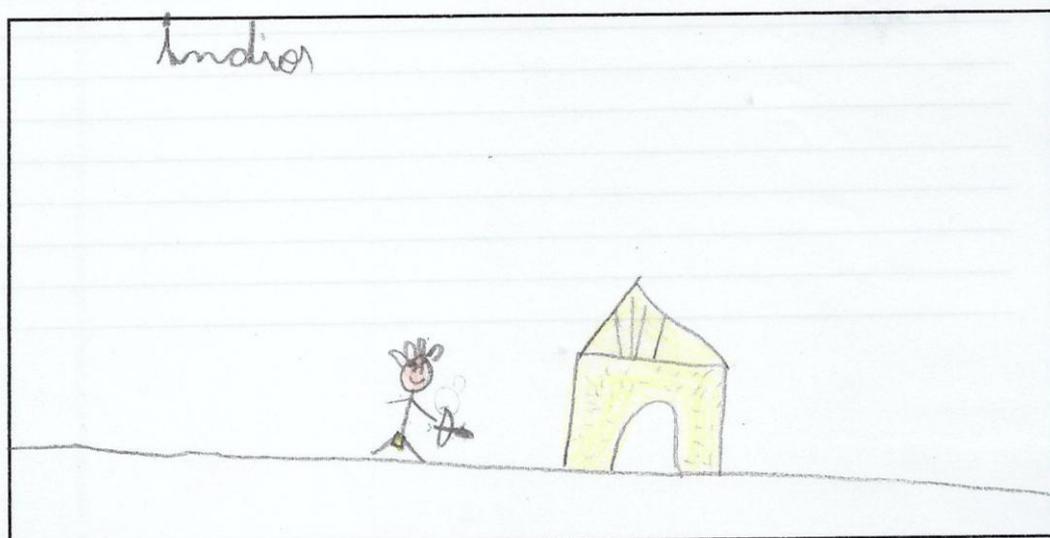
Professor(a): \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

*ser preto*  
*sim*

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

*não*

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

*não*

---

---

---

---

---

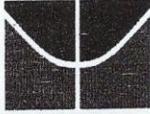
---

---

---

---

---



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

Nome: Hanna Villegas Talcarda N.º: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_ Turma: 3ª D Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25/5/2016

Professor(a): Blamessa

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

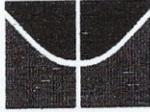
Não sei

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

Não

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

Não



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

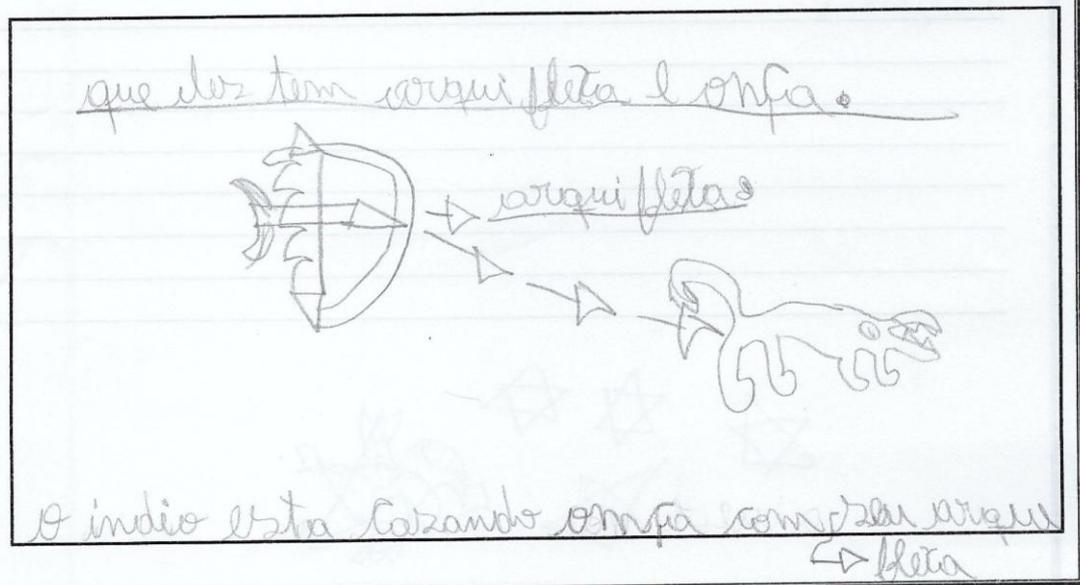
Nome: Clia N.º: 3º ano  
 Ano: D Turma: A Turno: vespertina Data: 25 / 50 / 2016  
 Professor(a): Joizima

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

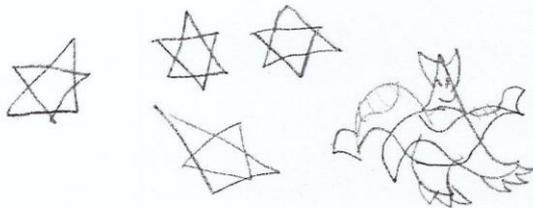
ser negro é quando nasce um bebê ele pode ser negro ou não.

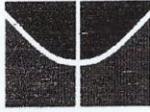
4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

sim, que eles são negros e tem índios que são negros e usão coque preto.

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

não, porque eu nunca ouvi falar dos negros.





## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

Nome: GUILHERME HENRIQUE N.º: \_\_\_\_\_

Ano: 330 Turma: 11 Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25 / 05 / 2016

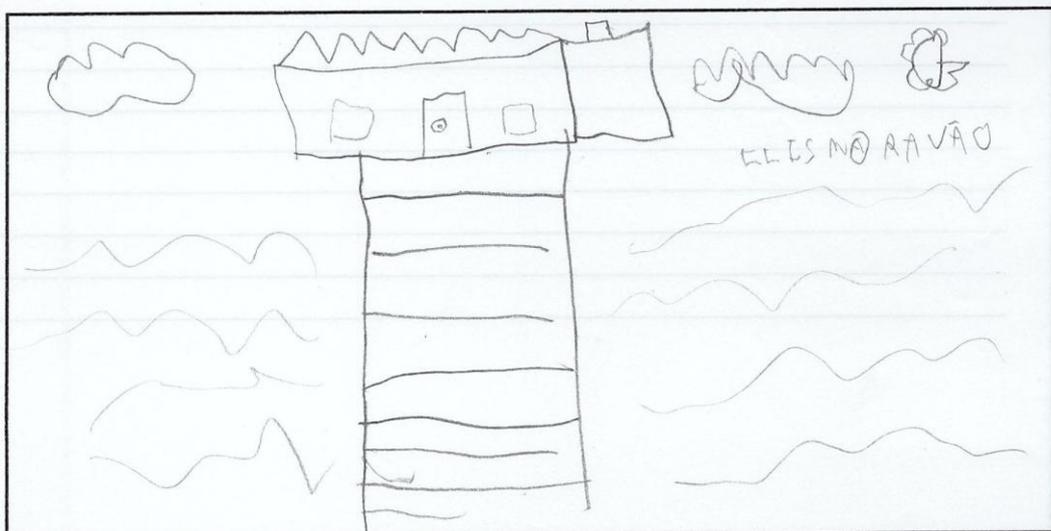
Professor(a): ROSIMAR

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

NADA ASIM FOA PA RESTE  
O COELHO QUERIA SER

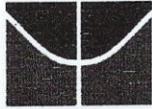
4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

O COELHO

SI MARVO E MINHA MANHE  
A LINDA TAMBEM ERA DISE QUE AVO DEHA FALSCENA

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

NÃO



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

Nome: mariana N.º: 3º / 1

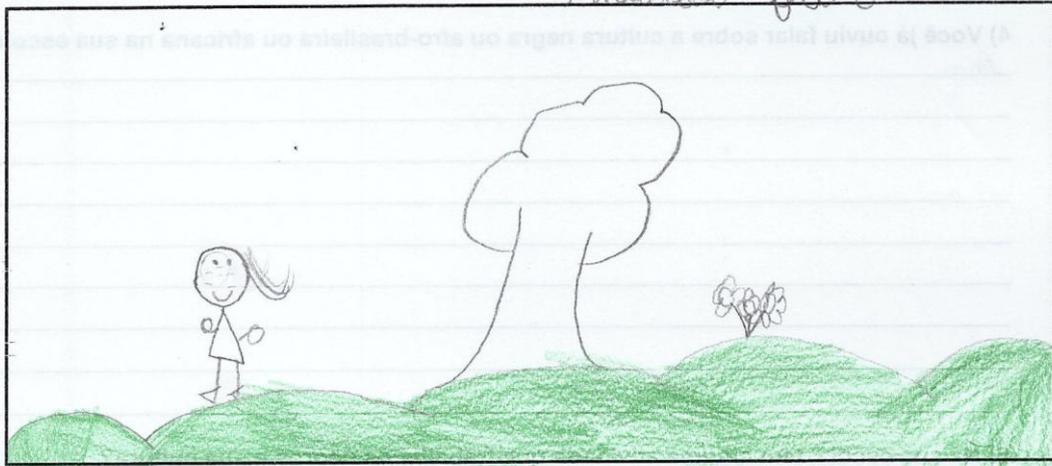
Ano: 3º Turma: id Turno: \_\_\_\_\_ Data: 50 / 5 / 2016

Professor(a): \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.

Árvore, flor



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.

Pessoa

Pessoa A



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

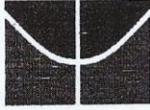
1. A pessoa negra - Sim.

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

Sim.

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

não



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

Nome: Zebela N.º: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_ Turma: 3º D Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25/05/2016

Professor(a): Robinson

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

perchando a avó e avô a cores deles.

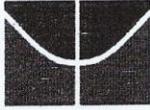
Não tenho

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

Não.

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

Não.



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

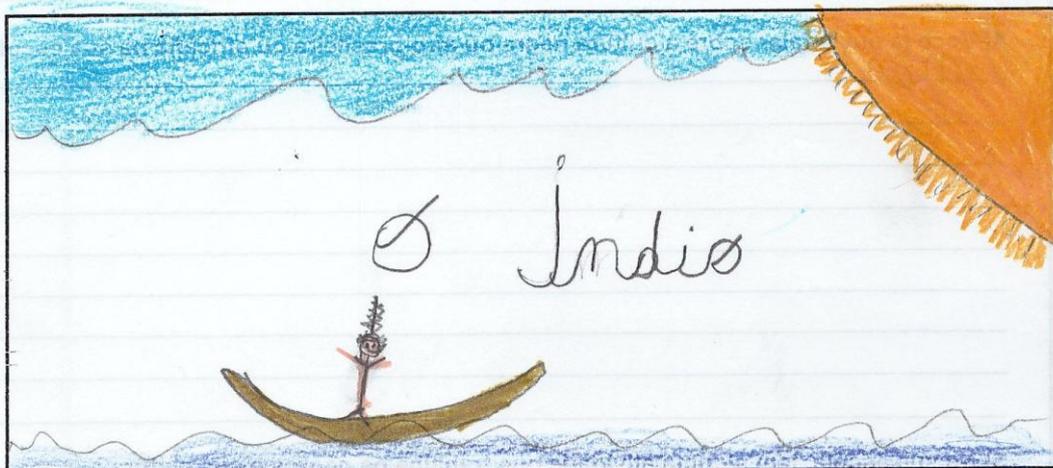
Nome: Erika Souza de Andrade N.º: \_\_\_\_\_

Ano: 3º Turma: 3ª ano Turno: Vespertino Data: 23 / 05 / 2016

Professor(a): Maximar

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

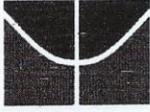
Eu não sei que é ser negro mas deve ser legal. Eu não tenho ninguém da minha família que seja negro.

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

~~não~~

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

às vezes sim às vezes não.



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

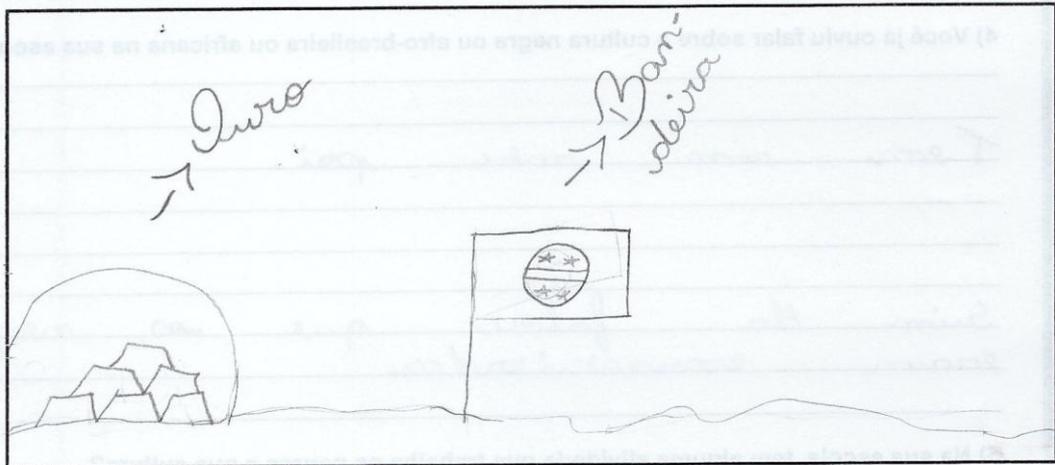
Nome: David N.º: \_\_\_\_\_

Ano: 3 Turma: 10 Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25/05/2016

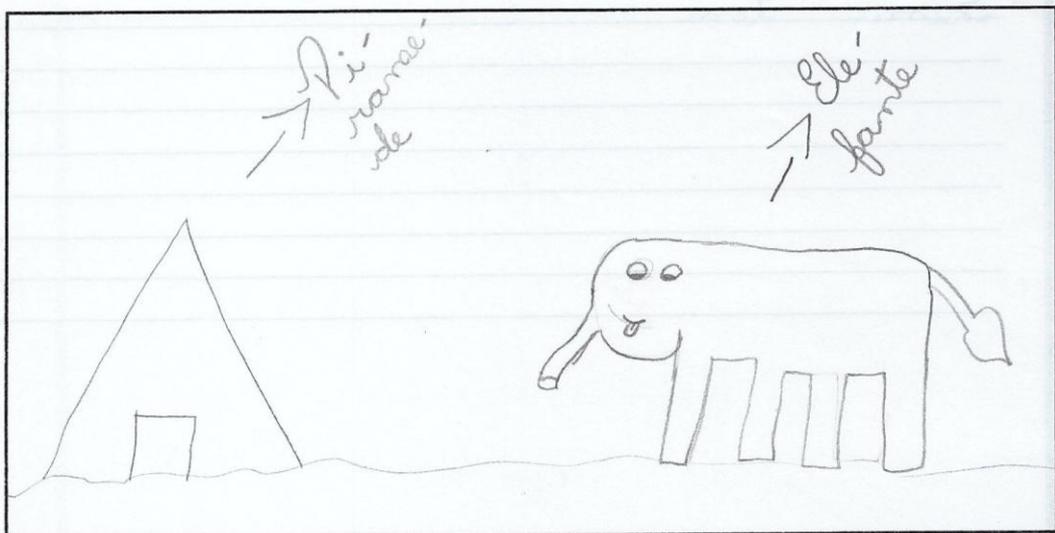
Professor(a): \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

Ser negro é ter cabelo legal  
ser negro é usar estampas.

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

Tem sim meu pai.

Sim ele falou que os negros  
eram escravizados.

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

Sim tem



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

Nome: Gara N.º: \_\_\_\_\_

Ano: 3º Turma: 0 Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25 / 5 / 2016

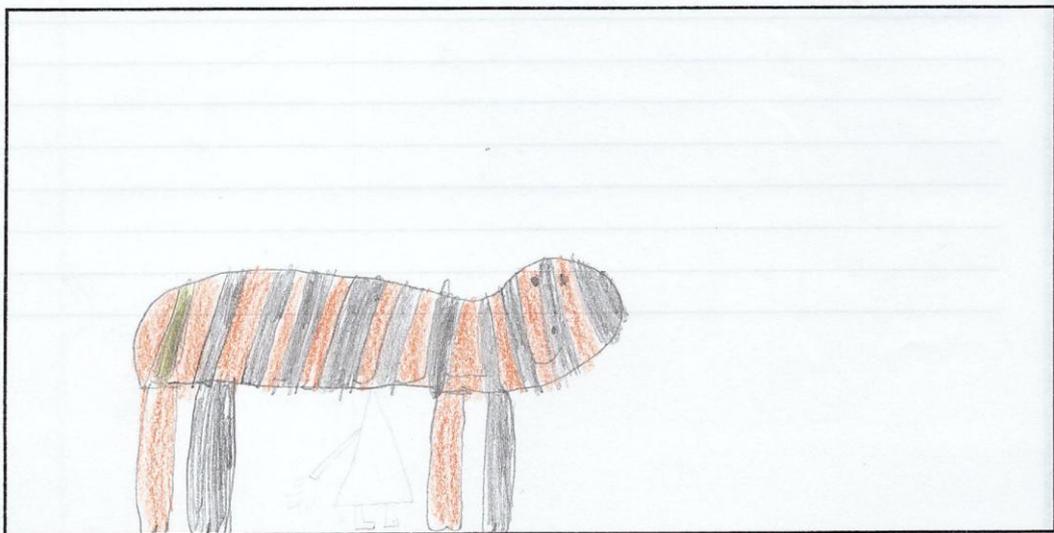
Professor(a): \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

ser negro é uma pessoa que é branca e mãe  
na África

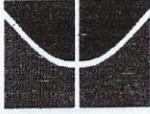
tem bastante ...

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

Na Branca lutam com negros por que eles eram  
depoente e os brancos não gostam dos negros

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

não



## ATIVIDADE SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Universidade de Brasília

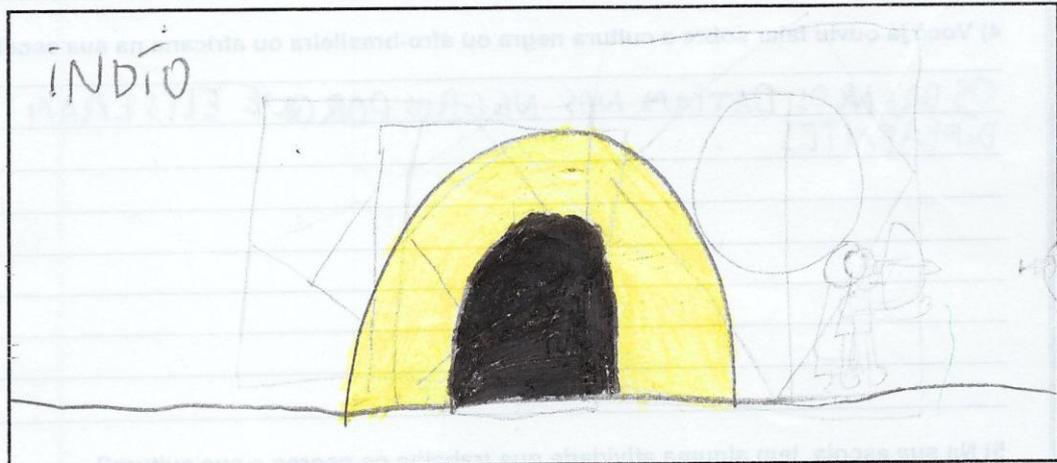
Nome: JOÃO VÍTOR N.º: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_ Turma: D Turno: \_\_\_\_\_ Data: 25/05/2016

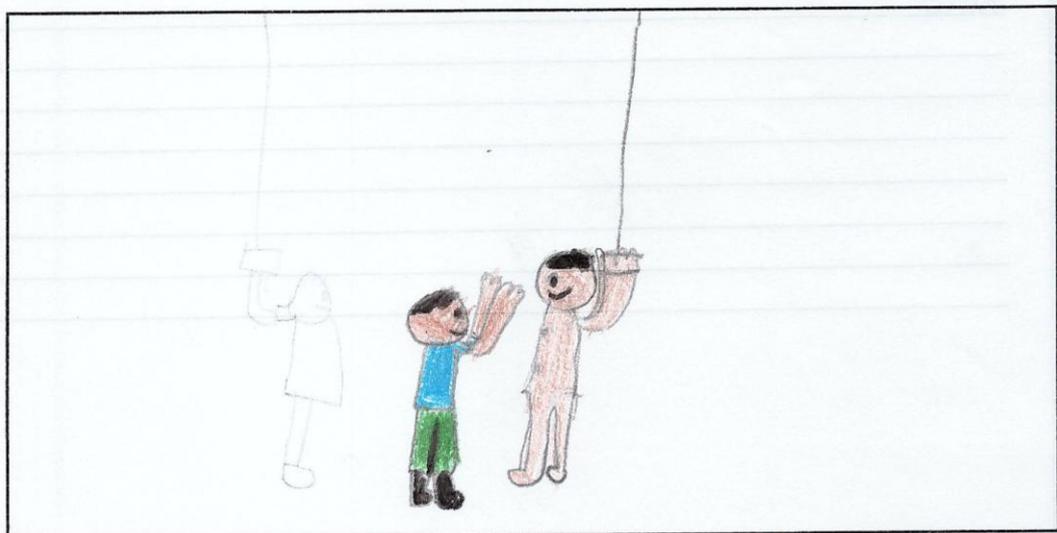
Professor(a): ROSELA

### QUESTIONÁRIO

1) Desenhe algo referente a cultura brasileira.



2) Desenhe o que você sabe sobre os negros.



3) O que é ser negro? Na sua família tem algum negro?

PEGOU DOS AVÓS

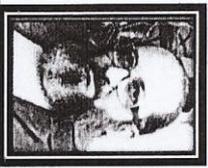
NÃO

4) Você já ouviu falar sobre a cultura negra ou afro-brasileira ou africana na sua escola?

OS BRANCOS BATIAM NOS NEGROS PORQUE ELES ERAM  
DIFERENTES .

5) Na sua escola, tem alguma atividade que trabalhe os negros e sua cultura?

NÃO

	 <p>Os negros no Brasil nasceram proibidos de ser inteligentes. (Paulo Freire)</p> <p><b>Obrigada!</b></p>	 <p>Universidade de Brasília</p>  <p>Faculdade de Educação Aluna: Wanessa Ferreira de Sena Matrícula: 12/0023890</p>
--	---	--

## QUESTIONÁRIO

1) Você conhece a lei 10.369/7

Sim

2) Quais os desafios da implementação da lei 10.639/7

Falta de material didático.

3) Qual tem sido o posicionamento da escola em relação a essa lei?

A escola sempre se mostrou aberta a trabalhar temas relacionados com essa lei.

4) A importância da escola na quebra desses estereótipos criados com a cultura afro e conceitos étnicos?

A escola é importante porque ajuda a quebrar preconceitos e atenuar o racismo.

5) Quais os materiais ou atividades sobre cultura Africana ou afro-brasileiras trabalhadas na escola?

livros de sala de leitura.

6) Que sugestões você daria para trabalhar com as crianças a lei 10.639/7

Teatro  
Filmes

7) Qual tem sido a relação escola/família/currículo nas questões que envolvem a lei?

A escola trabalha na medida do possível o que o currículo propõe e a família se integra nas atividades extra classe.

## QUESTIONÁRIO

1) Você conhece a lei 10.369?

10.6397

nao vejo direito nenhum

3) Qual tem sido o posicionamento da escola em relação a essa lei?

Ela deve ser mais -  
leia de slogan ainda  
mas tem muito tem-  
po para se percebermos

4) A importância da escola na quebra desses estereótipos criados com a cultura afro e conceitos étnicos?

logico que a escola é fundamental depois da familia

5) Quais os materias ou atividade sobre cultura Africana ou afro- brasileiras trabalhadas na escola?

Todos os anos  
fazemos atividades durante uma semana. E no decorrer do ano quando é necessário

6) Que sugestões você daria para trabalhar com as crianças a lei 10.639?

que foi feita  
trabalhar as crianças  
da escola de africanos  
(com jogos) e fazer  
um dia nos jogos

7) Qual tem sido a relação escola/familiar/curriculo nas questões que envolvem a lei?

Eu vejo uma  
ótima relação

## QUESTIONÁRIO

1) Você conhece a lei 10.369?

Sim, ela trata da rede de  
alunos menores de 18 anos matricu-  
lados para ingressar na universi-  
dade.

2) Quais os desafios da implementação da lei 10.639?

ajudar os alunos no ingre-  
so da universidade.

3) Qual tem sido o posicionamento da escola em relação a essa lei?

Na semana da cultura re-  
que nos trabalhos e temas  
temos realizado, tivemos  
Zumbi dos Palmares.

4) A importância da escola na quebra desses es-  
tereótipos criados com a cultura afro e conceitos  
étnicos?

Trabalha com alunos que a ma-  
teira ajuda a entender o que é  
participação, organização etc.

5) Quais os materiais ou atividade sobre cultura A-  
fricana ou afro-brasileiras trabalhadas na escola?

Alimentação, vestimentas, a ma-  
de da sua cultura, os costu-  
mes, músicas, o trabalho na  
terra, o rio - de - água, sua  
religião vinda da África.

A vida de Zumbi dos Palma-  
res e sua luta.

6) Que sugestões você daria para trabalhar com  
as crianças a lei 10.639?

Na semana da cultura  
nada poderia acontecer  
com alguns trabalhos  
nos espaços disponíveis  
para maior as crianças.

7) Qual tem sido a relação escola/família/  
currículo nas questões que envolvem a lei?

Por enquanto só sobre  
a vida de Zumbi dos Pal-  
mares, com as crianças  
africanas. (contada a his-  
tória)

## QUESTIONÁRIO

1) Você conhece a lei 10.369?

Sim, trata-se da Lei de Trato da Diversidade Cultural da Constituição Federal de 1988.

2) Quais os desafios da implementação da lei 10.639?

Um maior valorização da cultura, da história e da identidade dos povos originários.

3) Qual tem sido o posicionamento da escola em relação a essa lei?

A escola tem trabalhado de várias formas mais atividades que envolvam a cultura e a história dos povos originários e mais como atividades.

4) A importância da escola na quebra desses estereótipos criados com a cultura afro e conceitos étnicos?

A escola trabalha de forma a promover o respeito às diferenças e a valorização da cultura afro-brasileira, promovendo a integração e o respeito às diferenças.

5) Quais os materiais ou atividade sobre cultura Africana ou afro-brasileiras trabalhadas na escola?

A escola trabalha com contagens de histórias, músicas e cultura afro-brasileira, promovendo a integração e o respeito às diferenças.

6) Que sugestões você daria para trabalhar com as crianças a lei 10.639?

Realizar visitas a museus, eventos e atividades que envolvam a cultura afro-brasileira.

7) Qual tem sido a relação escola/família/curriculo nas questões que envolvem a lei?

A escola tem feito um trabalho em conjunto com a família e a comunidade para promover a cultura afro-brasileira.

## QUESTIONÁRIO

1) Você conhece a lei 10.369?

*Sim, conheço*

4) A importância da escola na quebra desses estereótipos criados com a cultura afro e conceitos étnicos?

*Conscientização dos alunos quanto as diferenças.*

6) Que sugestões você daria para trabalhar com as crianças a lei 10.639?

*—*

2) Quais os desafios da implementação da lei 10.639?

*—*

5) Quais os materias ou atividade sobre cultura Africana ou afro-brasileiras trabalhadas, na escola?

*Trabalhos e livros didáticos, além de palestras.*

7) Qual tem sido a relação escola/família/curriculo nas questões que envolvem a lei?

*—*

3) Qual tem sido o posicionamento da escola em relação a essa lei?

*—*